



INSTITUTO POLITÉCNICO DE  
LISBOA

ESCOLA SUPERIOR DE  
TEATRO E CINEMA



*Viagens pela Unidade Educacional e  
Terapêutica, no Estabelecimento  
Prisional de Tires*

**Salomé Ângelo**

Mestrado em Teatro e Comunidade

2009



INSTITUTO POLITÉCNICO DE  
LISBOA

ESCOLA SUPERIOR DE  
TEATRO E CINEMA



*Viagens pela Unidade Educacional e  
Terapêutica, no Estabelecimento  
Prisional de Tires*

Relatório Final de Estágio orientado por: **Prof. Domingos Morais**

**Salomé Ângelo**

Mestrado em Teatro e Comunidade

2009

*‘A prisão, essa região mais sombria do aparelho da justiça, é o local onde o poder de punir, que já não ousa exercer-se com o rosto descoberto, organiza silenciosamente um campo de objectividade em que o castigo poderá funcionar em plena luz do saber.’*

*‘Como podemos estranhar que a prisão se pareça com as fábricas, as escolas, os quartéis, os hospitais, se, afinal de contas, todos estes estabelecimentos se parecem com as prisões?’*

FOUCAULT, Michel, *Vigiar e Punir*, Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.

## Índice

Agradecimentos .....	5
Resumo / Abstract.....	6
Introdução.....	7
Identificação da Instituição: Estabelecimento Prisional de Tires .....	8
A prisão segundo o género .....	15
As mulheres na prisão .....	16
Maternidade Atrás das Grades.....	18
Casa das Mães .....	21
A Cultura nas Prisões.....	24
Teatro nas Prisões .....	27
Caracterização do Local de Estágio: Unidade Educacional e Terapêutica .....	30
O Projecto.....	32
Processo de Trabalho .....	34
Descrição do trabalho na Unidade Educacional e Terapêutica .....	36
Plano de Estágio .....	50
Descrição das Actividades Desenvolvidas .....	54
Conclusão .....	58
Bibliografia.....	60
Bibliografia de Referência.....	63
Índice dos Anexos.....	64

## **Agradecimentos**

O estágio que agora termina e as actividades inerentes à sua concretização só foram possíveis devido à disponibilidade do Estabelecimento Prisional de Tires, entidade à qual quero endereçar o mais profundo agradecimento.

Devo, também, agradecer ao orientador de estágio Prof. Domingos Morais e, em especial, à Sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Veríssimo, pelo vosso contributo para a estruturação deste projecto e excepcional acompanhamento prestado.

A todos os professores de Mestrado em Teatro e Comunidade e a todos os elementos da Unidade Educacional e Terapêutica, do Estabelecimento Prisional de Tires, em particular, às guardas prisionais.

De uma forma muito especial, às mulheres que aceitaram participar nas sessões. Pelo muito que aprendi com elas e seu exemplo e coragem.

## Resumo

No âmbito da unidade curricular, Estágio Profissional com Relatório Final, do 2.º ano do Mestrado em Teatro e Comunidade da Escola Superior de Teatro e Cinema, propus realizar um trabalho prático no Estabelecimento Prisional de Tires (EPT). O estágio decorreu de 15 de Maio a 22 de Julho de 2009, na Unidade Educacional e Terapêutica (UET) da prisão de Tires. Durante este período, desenvolvi o meu projecto de estágio, tendo sido sempre acompanhada pelo orientador responsável.

**Palavras-Chave:** Teatro, Comunidade, Prisão.

## Abstract

The purpose of Professional Training with Final Essay as a subject of 2<sup>nd</sup> year of Theater Master and Community of High School of Cinema and Theater, I propose a practice work at Estabelecimento Prisional de Tires (EPT). The professional training occurred from 15<sup>th</sup> of May to 22<sup>nd</sup> of July, 2009 at a Unidade Educacional e Terapêutica (UET) in Tires Prison. During this period, I developed my professional training always guided by a responsible professor.

**Key Words:** Theatre, Community, Prison.

## **Introdução**

Embora já tivesse tido outra experiência no Estabelecimento Prisional de Tires, com um grupo de reclusas da Casa das Mães, decidi investir novamente num estágio que me proporcionasse uma experiência relevante com a comunidade prisional, num processo de desenvolvimento pessoal através de actividades e exercícios decorrentes das técnicas de Teatro e Comunidade.

A escolha da Unidade Educacional e Terapêutica foi problemática. O meu projecto inicial estava pensado para o grupo de reclusas com quem já tinha trabalhado na Casa das Mães. Por diversas contingências, não foi possível, pelo que me propuseram outro grupo, noutra pavilhão. Foi uma experiência positiva, e possibilitou alargar os meus horizontes na área do Teatro para e com a Comunidade.

## **Identificação da Instituição: Estabelecimento Prisional de Tires**

### **O Estabelecimento**

O Estabelecimento Prisional de Tires foi criado em 1953, com a designação de Cadeia Central de Mulheres e entregue à Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor, por acordo celebrado com o Ministério da Justiça. A partir de 22 de Setembro de 1980 a sua administração transitou de tutela religiosa para a leiga. Tradicionalmente, este Estabelecimento destinou-se a mulheres, excepcionando o período entre Dezembro de 1984 e Abril de 1989 em que comportou também reclusos do sexo masculino centralizados num único pavilhão. Este sector manteve-se em funcionamento até ao encerramento da “Cadeia das Mónicas” quando as mulheres que ali se encontravam foram transferidas para este E.P.

Situado numa quinta de 34 hectares, o Estabelecimento Prisional de Tires é composto por três pavilhões de Regime Fechado, um destes com população masculina desde 9 de Outubro de 2002, em situação de prisão preventiva, três pavilhões para alojamento de reclusas em Regime Aberto, um espaço terapêutico autónomo para recuperação de toxicodependentes – Unidade Livre de Drogas (actual Unidade Educacional e Terapêutica), o espaço Casa das Mães destinado a reclusas em período de gestação e com filhos até aos três anos de idade, uma Creche destinada aos filhos das reclusas e que funciona em período diurno.

O Estabelecimento Prisional dispõe de Serviços Clínicos, em instalações próprias, com um quarto de internamento na Casa das Mães. Dispõe ainda de um Salão de Exposições e Espectáculos, um Campo Desportivo para a prática de Futebol de Salão, recintos desportivos polivalentes em todos os pavilhões, com excepção dos de Regime Aberto e instalações de trabalho (lavandaria, manutenção e empresas do exterior).

A população prisional é constituída pelo Sector Feminino, em situação de prisão preventiva e em cumprimento de pena de prisão, provenientes de todo o país e um Sector Masculino maioritariamente em situação de prisão preventiva e da zona da Grande Lisboa.

### **Medidas de Flexibilização da Pena**

O contacto dos reclusos com o mundo exterior tem-se revelado fundamental quer como meio mais propício ao restabelecimento, de forma geral e progressiva, das relações com a sociedade, quer como forma de atenuar as consequências nocivas de longos períodos de privação de liberdade.

Este princípio tem consagração no diploma que regulamenta a execução das medidas privativas de liberdade - Decreto-Lei nº 265/79, de 1 de Agosto - concretizando-se, salvaguardadas as exigências de prevenção geral e especial, na possibilidade de:

- **Regime Aberto**: Os reclusos condenados podem ser colocados em regime aberto quer voltado para o **interior**, quer para o **exterior**. O primeiro é concedido pelo director do estabelecimento prisional e possibilita o exercício de actividades dentro do perímetro do estabelecimento, sob uma vigilância mitigada. Neste regime (**RAVI**) estão actualmente colocados cerca de dois mil reclusos. O segundo é concedido pelo Director-Geral aos reclusos que, após cumprimento de parte substancial da pena de prisão, pretendam trabalhar, estudar, frequentar cursos de formação profissional ou, mais recentemente, seguir programa de tratamento de toxicodependência no exterior. O regime aberto voltado para o exterior (**RAVE**) tem vindo a conhecer, nos últimos anos, um forte incremento, sinal também da abertura e aceitação da sociedade civil aos cidadãos privados de liberdade. Existem várias centenas de reclusos colocados em regime aberto voltado para o exterior, sendo que alguns se encontram colocados ao abrigo de protocolos ou acordos estabelecidos entre a DGSP e

entidades públicas e privadas. As autarquias acolhem também reclusos em RAVE.

- **Saídas ao Exterior: Saídas precárias prolongadas** - até ao máximo de dezasseis dias por ano, concedidas pelo Tribunal de Execução das Penas aos reclusos condenados em pena superior a seis meses, que já tenham cumprido um quarto da pena; **Saídas de curta duração** - até quarenta e oito horas, uma vez em cada trimestre, concedidas pelo director do estabelecimento prisional aos reclusos condenados que estão colocados em regime aberto; **Saídas de preparação para a liberdade** - até oito dias, durante os últimos três meses do cumprimento da pena, concedidas pelo Director-Geral dos Serviços Prisionais; **Saídas até doze horas** - sob custódia, quando estejam em causa sérias razões de ordem familiar ou profissional, podendo ser concedidas a reclusos condenados ou preventivos pelo director do estabelecimento prisional.

### Saúde

A unidade de saúde está equipada com gabinetes médicos, sala de Estomatologia, gabinetes de Ginecologia e Pediatria, serviços de enfermagem, um quarto de internamento e armazém de recolha de medicamentos. O serviço de enfermagem é diário e funciona em período diurno. Os serviços de saúde são assegurados por três clínicos gerais, dois estomatologistas, um psiquiatra, um psicólogo, um terapeuta de motricidade, uma enfermeira, um técnico de farmácia, um pediatra e uma empresa de enfermagem.

As urgências, os exames complementares de diagnóstico e as consultas de especialidade são asseguradas no Hospital Prisional de S. João de Deus, Hospitais Cíveis e Clínicas Privadas. A nível de apoio a toxicodependentes é feita a desabilitação física e acompanhamento terapêutico. Há ainda a Unidade Educacional e Terapêutica que pode albergar até 28 reclusas, dispondo ainda de programas de metadona e antagonistas.

### Formação Profissional

- **Centro Protocolar para o Sector da Justiça:** Corte e costura, tecelagem / teares; ajudante de cabeleireiro, empregadas administrativas, tapetes de Arraiolos, horto - floricultura e assistente de manutenção de edifícios, aderecista / figurinista, animador / actor, jardinagem e iniciação à informática.
- **PROSALIS:** Operador de informática.
- **Ministério da Educação:** Iniciação à culinária.
- **Instituição de Solidariedade Social “O Companheiro”:** Formação profissional para reclusas em Regime Aberto Voltado para o Exterior nas áreas de costura, restauração, serviços administrativos, agricultura / jardinagem e apoio na residência.

### Ocupação Laboral

- **Sector Oficial:** Tapetes de Arraiolos, teares / tecelagem, artesanato e costura.
- **Outras Áreas:** Manutenção e limpeza (serviços gerais, cozinha, lavandaria, jardim e creche).
- **Empresas fornecedoras de trabalho executado intramuros (montagem, embalagem):** Molas / cabides, componentes eléctricos, utensílios domésticos, recuperação de livros, plásticos.
- **Ensino:** Assegura o funcionamento do 1.º, 2.º e 3.º Ciclos do ensino básico recorrente e um vasto apoio às alunas que não frequentando aulas lectivas no estabelecimento prisional possam concluir a formação escolar que dispõem ou aceder ao Ensino Superior. Existe uma estreita articulação com o CAE de Cascais, Escola 2+3 Matilde Rosa Araújo, Escola Secundária de Carcavelos, Gabinete de Acesso ao Ensino Superior e pontualmente com Escolas do Ensino Superior (Faculdade de Direito, Escola Superior de Enfermagem, ISCTE). No sector masculino têm sido propiciadas aulas de Código da Estrada e é elaborado o jornal “O sinaleiro”, sob a coordenação do professor do 1º ciclo.

### **Actividades Socioculturais e Desportivas**

- **Biblioteca:** Funcionam pequenos espaços de bibliotecas em todos os pavilhões, dispondo-se no total de 9500 obras. Realizam-se sessões de incentivo e animação de leitura com o apoio do Instituto do Livro e das Bibliotecas e, também, da Fundação Gil.
- **Pintura:** Incentiva-se o desenvolvimento da criatividade e do gosto pela arte com a dinamização de reclusas na participação em concursos de expressão plástica promovidos pelos Serviços Centrais. Dinamizam-se sempre que possível aulas de pintura ajustando-se a reedificação profissional dos elementos dos grupos de voluntariado à intervenção artística.
- **Actividades lúdico-recreativas e musicais:** As actividades socioculturais são muito frequentes, objectivando-se a participação de todos os grupos culturais das reclusas (Africanas, Brasileiras, Sul Americanas e Ciganas). Celebram-se as principais épocas festivas (Dia Internacional da Mulher, Santos Populares e Natal), com actuações essencialmente realizadas pelas reclusas com Dança-Jazz, Danças Africanas, Ciganas, Samba, música e cantares. Os nossos grupos têm actuado no exterior a convite de Entidades Públicas e Privadas. Realizam-se visitas de estudo ao exterior no âmbito do ensino e da formação profissional. Participa-se em Exposições de Artesanato na Comunidade. A partir do ano 2000 operacionalizou-se a intervenção técnica no âmbito da formação e competências pessoais e sociais.
- **Teatro:** Grupo de dramatização, com intervenção em eventos festivos.
- **Desporto: Infra-Estruturas** - quatro campos polidesportivos. **Modalidades praticadas** - futsal, ginástica e Yoga.

### **Articulação com o Exterior**

- **Ensino:** Serviços Regionais do Ministério da Educação – Centro de Área Educativa de Cascais, Escola Básica 2+3 Matilde Rosa Araújo de Matarraque, Escola Secundária de Carcavelos, e Gabinete de Acesso ao Ensino Superior,

Faculdade de Direito, Escola Superior de Enfermagem, Instituto Superior Técnico de Engenharia.

- **Desporto:** União Desportiva e Recreativa de Tires, Associação de Futebol Federado.
- **Ocupação Laboral:** Empresas - etiquetas, restauro de livros, cozinha, utensílios diversos de plástico e utensílios de limpeza, cabides e malas, componentes eléctricos, cooperativa de solidariedade social “Aguarela”, Casa Pia.
- **Actividades lúdicas e recreativas:** TVI, Lyons Club de Carcavelos, Vodafone, “Associação Dar a Mão”, Centro Comunitário de Tires.

### Protocolos

- **Saúde:** Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo.
- **Trabalho:** Câmara Municipal de Lisboa; Câmara Municipal de Cascais; “O Companheiro”; Centro de Apoio às Actividades Desportivas; Serviço Nacional de Protecção Civil; Correios de Portugal, S.A.; Fundação Champagnat / Centro Regional de Segurança Social; Grupo Desportivo Estoril Praia; Instituto do Desporto; Junta de Freguesia de S. Domingos de Rana e Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo.

### Horário das Visitas

Pavilhão 1		
2ª feira	14h30 às 15h30	Ímpares
	16h00 às 17h00	Pares
4ª feira	09h00 às 10h00	Pares
6ª feira	09h00 às 10h00	Ímpares
	14h30 às 15h30	Pares
Sábado	09h00 às 10h00	Pares
	10h30 às 11h30	Ímpares

<b>Pavilhão 2</b>		
<b>4ª feira</b>	14h30 às 15h30	Pares
	16h00 às 17h00	Impares
<b>Sábado</b>	14h30 às 15h30	Pares
	16h00 às 17h00	Impares
<b>Domingo</b>	14h30 às 15h30	Impares
	16h00 às 17h00	Pares

<b>Pavilhão 3</b>		
<b>3ª feira</b>	16h00 às 17h00	Pares
<b>6ª feira</b>	16h00 às 17h00	Impares
<b>Domingo</b>	09h00 às 10h00	Impares
	10h30 às 11h30	Pares

<b>Casa das Mães</b>		
<b>Quarta</b>	10h00 - 11h00	Pares/Impares
<b>Sábado</b>	15h00 - 16h00	
<b>Domingo</b>	09h00 - 10h00	

<b>RAVI</b>		
<b>Sábado</b>	10h00 - 11h00	Pares/Impares
<b>Domingo</b>		
<b>Feriado</b>		

Dados recolhidos do site: <http://www.dgsp.mj.pt/>

## **A prisão segundo o género**

As necessidades específicas das prisões femininas tendem a aparecer em segundo plano nas políticas penitenciárias, uma vez que as mulheres presas estão em minoria, comparativamente aos homens. A prisão feminina ainda se encontra com muitos estigmas das prisões masculinas: ausência de coesão e de solidariedade, ausência de grupos, de um código de recluso, de um repertório local de papéis sociais. A “cultura prisional feminina” está reduzida a pseudo-famílias e/ou a relações homossexuais, isto acontece por haver um cariz emocional de privação afectiva por parte das presas.

A professora da Universidade do Minho, Manuela Ivone Cunha (2007, p. 83), afirma que os principais motivos que levam as mulheres à delinquência prendem-se com desregulamentos hormonais, complexos, neuroses e manias. Antigamente, as mulheres não tinham acompanhamento psiquiátrico nas prisões. O tratamento destas mulheres era baseado no estímulo à religião, na disciplina, na austeridade eclesiástica e na imposição de hábitos domésticos. Este modelo aplicou-se em meados da década de 1950, no Estabelecimento Prisional de Tires, até aos anos 80, sendo que a gestão do mesmo ficou a cargo da Congregação da Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor. Desta forma, o desvio mental feminino era associado a uma ausência de protecção e amparo e a perturbações domésticas. Houve uma preocupação, nesse modelo de “levantamento moral” das reclusas, em cultivar sentimentos de responsabilidade maternal e doméstica. Exemplo disso, foi o facto de os filhos permanecerem com as mães dentro da prisão, até uma certa idade. Isso permitiu a programação de formar mães. Este modelo de tratamento penitenciário foi também de encontro às apetências domésticas de cada reclusa.

Já nos finais de 1990, na prisão de Tires, a identidade pessoal e social das reclusas passou a encontrar pontos fortes de sustentação em redes de familiares e vizinhos, com quem a reclusão era agora partilhada.

## **As mulheres na prisão**

De acordo com Rui Gonçalves (2007, p. 56), a partir de dados recolhidos de várias investigações sobre mulheres reclusas em Portugal, tenta-se perceber qual o impacto dessa reclusão nas suas famílias, nomeadamente, nos filhos de mães-reclusas, podendo esse factor ser causa para futuros comportamentos delinquentes e de criminalidade nas gerações seguintes. Desta forma, põe-se em causa a questão do processo de socialização de uma criança em condições de reclusão, junto das mães que cumprem pena.

As mães-reclusas centram nos seus filhos uma série de competências que as faz alhearem-se das vivências do cumprimento da pena e da culpabilidade. Muitas crianças apresentam sentimentos de raiva, medo, culpa, luto, rejeição, vergonha, solidão, baixo desempenho escolar e comportamentos agressivos. Normalmente, as crianças que estiveram com as mães na prisão tendem a ser mais vulneráveis aos factores de risco relacionado à sua vida familiar e socioeconómica, idêntica à que os pais tiveram. Vários estudos indicam que o principal factor de stress por parte das mulheres presas tem a ver com o sentimento de perda dos seus filhos, por se encontrarem ausentes das suas vidas, o que as levam a verem-se como “más pessoas”. Para as reclusas, o mais complicado de estarem presas é essa mesma ausência da vida dos seus filhos.

A ideia de que a existência dos filhos inibe as mães do envolvimento no crime é completamente errada. O principal motivo que as leva à prisão é a droga. A sua reincidência criminal deve-se à falha dos mecanismos de prevenção de entrada na prisão. As leis mudaram e começa a haver um aumento da extensão das penas e uma maior dificuldade em sair em liberdade condicional, o que leva a uma espécie de punição de reincidentes. Os principais factores de reincidência são a psicopatia, o estilo de vida criminal e o consumo de substâncias.

Não é possível definir um perfil das reclusas portuguesas, contudo pode-se dizer que muitas dessas mulheres provêm de contextos familiares complicados, têm na sua maioria características da personalidade desviantes e tendem a reproduzir os mesmos

comportamentos nas gerações seguintes. Os factores de risco relacionados com a família têm um maior impacto nos rapazes do que nas raparigas.

Estabelecer uma relação com um parceiro anti-social é “acrescentar fogo ao combustível”, sobretudo no caso das mulheres. (...) estima-se que um homem anti-social continue a exibir os mesmos comportamentos quer a sua companheira seja ou não anti-social. Pelo contrário, nas mulheres, a existência de parceiros anti-sociais parece ampliar o seu próprio comportamento desviante.

(GONÇALVES, Rui Abronhosa, 2007, p. 72)

A reclusão feminina tem um maior impacto social, nomeadamente, na vida dos filhos, por a mulher ainda ser vista como a prestadora de cuidados da criança, por isso, estas acabam por sofrer mais quando a mãe é detida, ao contrário da detenção do pai.

Segundo Rui Gonçalves (2007, p. 73), McCord afirma que a influência da família sobre os comportamentos anti-sociais e criminalidade dos indivíduos dão-se principalmente de três formas: a transmissão genética, a colocação dos filhos em determinados contextos físicos e socioeconómicos, e finalmente, as práticas educativas dos pais. Claro que nem todos os delinquentes vêm de famílias desestruturadas, porém, verifica-se que a existência de tais factores incita o aparecimento de comportamentos anti-sociais nas crianças.

Apesar de ser uma população muito problemática, as mulheres reclusas estão em minoria nas prisões portuguesas. Torna-se necessário traçar estratégias e programas de apoio às reclusas, no sentido de evitar a delinquência e a reincidência criminal.

## **Maternidade Atrás das Grades**

A tentativa de analisar o comportamento maternal da reclusa torna-se difícil pois não se consegue perceber até que ponto os cuidados prestados aos filhos são ou não negligenciados, comparando à altura em que as mães estavam presentes. A maternidade é vista como forma de fugir à depressão, dependente, culpada e, por vezes, insegura face às separações. A relação entre mãe e filho pode ser influenciada pelo meio prisional onde estão inseridas. Parte da literatura existente na década de noventa defende que as reclusas são delinquentes e, por isso, não são boas mães e que as prisões não são um bom lugar para criar uma criança.

A situação prisional pode influenciar negativamente todo o processo de parentalidade, bem como as relações familiares. Segundo Browne, a fragilidade psíquica, o pouco amor próprio e a ausência de empatia pelo filho, pode ter uma influência negativa sobre as crianças e colocar em risco a qualidade de interacção com elas. Dentro de uma prisão o ambiente é muito barulhento, agitado, conflituoso e agressivo, o que coloca a relação entre mãe e filho sob as regras e lógicas que regem o ambiente prisional. Quando a mãe é condenada judicialmente, as consequências no bem-estar psicológico da criança podem agravar, pois tal condenação implica uma modificação total na rotina diária e, especialmente, uma alteração da interacção com a pessoa mais significativa. Uma mãe deprimida tem maior dificuldade na relação com os seus filhos, tendem a ser menos atentas ou disponíveis, mais restritivas ou mesmo punitivas, ou ainda ter um comportamento intrusivo, criando um ambiente mais hostil, indiferente e de rejeição.

A permanência da criança junto da mãe-reclusa pode ser importante para ambas. Com a presença dos filhos, as mulheres não se sentem tão sozinhas, amortecendo o choque e suavizando a vivência prisional, tornando-a menos pesada, achando que o tempo passa mais rápido e que não há tempo para entrar em depressão. As crianças junto das mães são amigas, companheiras, principalmente, figuras contentoras evitando que estas tenham algum tipo de angústia ou que fiquem deprimidas. António Pires (2007, p. 92) refere que Dormoy acredita que estas mulheres podem desenvolver um comportamento maternal exemplar e reacções emocionais muito intensas, pois sentem

uma grande culpabilidade e acreditam que o melhor de estarem na cadeia é o facto de terem deixado as crianças ao seu encargo. Para algumas mães é saturante a rotina prisional e essa saturação propaga-se à criança que chora e grita com facilidade. Os filhos são vistos como uma fonte de força e alegria, no entanto, quando entram em depressão, o tempo que as mães passam com os filhos pode tornar-se numa prisão dentro da prisão.

As mães acham que têm que ser optimistas para aguentar a pena e para não transmitir tristeza à sua criança, assim, acaba por ser um bem para as crianças pois as mães acabam por pensar primeiro no bem dos filhos. Elas sabem que não lhes podem dar tudo a começar pela liberdade. Tudo o que viveram cá fora, todas as recordações que tiveram com os outros filhos, a estes que estão com elas não podem dar o mesmo e isso deixa-as tristes. As crianças não têm a liberdade que os outros tiveram, não brincam como os outros brincaram, não passeiam como os outros passearam. A hora do recreio é curta, as crianças não gozam o suficiente querendo sempre mais, e as mães sentem-se responsáveis pelas crianças ficarem tanto tempo fechadas dentro de uma cela.

Outro elemento de culpabilidade por parte das mães prende-se com a sensação das crianças se aperceberam da diferença entre elas e as outras crianças. Não se percebe quando é que a reclusa fala dela própria ou da criança, ou ainda das duas. A criança acaba por ser um espelho das dificuldades da mãe. As mães acabam por fazer sempre a vontade das crianças, precisamente por se sentirem culpadas face à privação das mesmas. Acham que fazem birras para as manobrar e que têm que ceder.

O tempo todo é para os nossos filhos. Aqui há algumas que nunca pensaram ser mães, se estivessem lá fora tinham feito aborto de certeza absoluta e noto nelas a diferença que sentem em ser mães, que nunca pensaram que uma coisinha tão pequenina as agarrasse tanto e as fizesse perceber tanta coisa.

(PIRES, António, 2007, p. 97)

A prisão proporciona uma experiência rara para uma criança no que diz respeito à rivalidade fraterna e à ausência de um terceiro adulto e masculino que a separe da mãe. O pai sente-se triste com a separação e teme que a criança o esqueça. A prisão serve, também, para pensar e decidir pôr um ponto final na vida que levavam anteriormente. Para muitas toxicodependentes, estar na Casa das Mães com um filho

significa a primeira oportunidade de maternidade (mesmo que já tenham tido outros filhos), um reencontro com os afectos e com a saudade do filho que estão a criar, a capacidade de viver com o passado sem o querer esquecer ou apagar, mas com vontade de seguir em frente. Estas mulheres aparentam uma maternidade saudável, em alguns casos levada a cabo em melhores condições das que teriam fora da prisão, longe das tentações e dos riscos. A depressão e as separações repetidas da criança são dois factores de maior risco na maternidade.

É necessário desmistificar a prisão como local para criar filhos. A prisão, neste caso concreto a Casa das Mães do EPT, é um bom lugar para as mulheres criarem os filhos, dadas as características e histórias de muitas mulheres.

## Casa das Mães

A permanência das crianças junto das mães reclusas tem gerado algumas opiniões contraditórias no que diz respeito à qualidade de vida da criança relativamente ao seu desenvolvimento.

O comportamento parental é influenciado por diversos factores, uns relativos à personalidade da mãe, outros à sua rede social de apoio e ainda ao contexto em que a relação se desenvolve. Desta forma, vários autores e estudiosos defendem que uma mãe reclusa apresenta uma série de factores de risco com consequências directas para a relação mãe e criança e, também, para o desenvolvimento e bem-estar desta. A vulnerabilidade do contexto de gravidez e maternidade agravada pela adaptação à situação de reclusão com elevada probabilidade de ocorrência de períodos de depressão da mãe, o meio sociocultural proveniente, o baixo nível de instrução, o consumo de substâncias psico-activas, a fragilidade ou inexistência de redes sociais de apoio são factores que influenciam directamente a relação entre mãe e filho. Para além destes factores de riscos, a prisão é um lugar onde, quase diariamente, existem conflitos no ambiente prisional, onde o ruído e agitação são constante.

No entanto, analisando um conjunto de outros factores, muitas vezes considera-se mais importante a permanência da criança junto da mãe, ao invés da separação. Tem-se investido cada vez mais em alternativas educativas e instrumentos para a promoção de melhores práticas educacionais por parte das mães reclusas.

Florbela Ferreira (2007, p. 104), Técnica Superior do Estabelecimento Prisional de Tires – Casa das Mães, diz-nos que esta “casa” é um espaço pensado para o acolhimento de mulheres grávidas ou com filhos. A sua abertura deu-se a 15 de Novembro de 2000. Este pavilhão foi determinado por algumas condicionantes do trabalho penitenciário, ou seja, foi construído para ter uma ala de preventivas, uma de condenadas e outra de regime aberto. Para além destes cuidados na projecção deste espaço, teve-se especial atenção no que diz respeito aos elementos arquitectónicos ajustados às vivências das crianças, como por exemplo, janelas à sua altura, casas de banho ajustadas, etc.

Durante o fim-de-semana, a creche encontra-se fechada, pelo que as crianças passam o dia todo, 24h sob 24h, ao cuidado das mães. Apesar de bem adaptadas e

equipadas, as alas prisionais são espaços que constituem uma certa repressão para a criança, uma vez que esta não tem total acesso às actividades de socialização, com ou sem a presença das mães.

Ao nível das competências profissionais a população reclusa apresenta grandes deficiências, uma vez que, na sua maioria, são provenientes de meios carenciados, de baixa escolaridade, pouco qualificados, exercendo trabalho indiferenciado ou mesmo ausência total de actividade laboral. Dentro da prisão é essencial uma estimulação para a participação em actividades laborais, para a aquisição e desenvolvimento de hábitos de trabalho, para a frequência da escola para obterem a escolaridade básica, no sentido de obterem um conjunto de ferramentas indispensáveis para a reinserção laboral.

Na Casa das Mães existem duas oficinas de trabalho destinadas a uma empresa exterior. Para além destes, ainda existem os trabalhos dentro do próprio pavilhão, como a limpeza das alas, ajudantes de copa, etc. Caso seja compatível com a rotina dos filhos, as reclusas podem também ir para outros postos de trabalho fora do pavilhão. A junção das actividades laborais com as funções maternas dentro da prisão dá às reclusas, por um lado, uma reinserção social e laboral, e por outro, uma maior auto-estima e valorização pessoal.

Foi implementado um projecto de Treino de Competências Pessoais e Sociais com um grupo de mães reclusas com o intuito de trabalhar aspectos tais como: auto-estima, auto-conhecimento, assertividade em diversos contextos pessoais e sociais, expressão de afectos e emoções, resolução de problemas e gestão de conflitos. Com este projecto pretendia-se que as reclusas mudassem o que quisessem mudar e que aceitassem o resto, valorizassem e desenvolvessem o que tinham de mais adequado e adquirissem o que está em falta.

Neste mesmo pavilhão, desenvolveu-se mais um outro projecto de Treino de Competências Parentais, com o objectivo de dinamizar um espaço onde se colocassem dúvidas sobre o desenvolvimento dos seus filhos, ao mesmo tempo que eram explicadas as várias etapas do desenvolvimento infantil. Este projecto foi orientado pela educadora de infância e as reclusas foram divididas em grupos consoante a idade dos filhos.

Desde 2001, através de um protocolo feito com a Fundação Gil, na Casa das Mães são desenvolvidas um conjunto de acções regulares (Hora do Conto, Hora da Música) para promover um espaço relacional de troca de afecto e atenção maternal, que

é de extrema importância para colmatar com as falhas existentes nesta população em termos de equilíbrio na relação mãe e filho.

Aquando da saída das crianças, estas poderão ser integradas na família ou em instituições. Para estes casos, em Maio de 2001, foi inaugurada a Casa da Criança, que funciona junto do EPT, numa casa do bairro prisional. Esta estrutura é resultado de um protocolo com a Câmara Municipal de Cascais, a Fundação Champagna e a DGSP.

## **A Cultura nas Prisões**

### **Animação Sociocultural**

O desenvolvimento da vertente da animação sociocultural na vivência prisional, tem sido uma prática em crescimento, observando-se nos últimos anos uma crescente participação da comunidade exterior relativamente a um conjunto de iniciativas promovidas quer pelos Estabelecimentos Prisionais, quer pelos Serviços Centrais e que abrangem um leque de acontecimentos nos diversos domínios: música, teatro, artes plásticas, exposições, palestras, publicação de jornais etc. Através da implementação e dinamização destas actividades, pretende-se desenvolver nos indivíduos privados de liberdade valores sociais, éticos, estéticos e humanistas que contribuam para o aumento das suas capacidades e potencialidades. Trata-se de um área de intervenção que visa implicar e motivar os reclusos, esperando-se que, a par com outras vertentes de formação, permita fortalecer na população reclusa a personalidade e a identidade, tendo em vista uma melhor reinserção social.

### **Jornais**

Pela sua importância formativa e informativa, a edição dos jornais, em cuja elaboração participam os reclusos, tem vindo a ser incrementada e hoje grande número de Estabelecimentos Prisionais tem o seu próprio jornal. Os jornais prisionais são assim veículos privilegiados de informação junto da população reclusa, fazendo-se eco do quotidiano prisional, informando e formando os seus leitores sobre as mais diversas temáticas, constituindo-se ainda como espaço de reflexão, de crítica e de lazer, muitas vezes partilhado, quer na sua concepção, como na sua leitura, por outros elementos da comunidade prisional.

## **Música**

A música, e sobretudo a sua prática, quando devidamente enquadrada, pode ser utilizada com objectivos socioeducativos, fomentando a sociabilidade e a criatividade, proporcionando ainda momentos de distração e de lazer da população reclusa. No desenvolvimento desta actividade, é forte a adesão dos Estabelecimentos Prisionais, que se traduz na existência de muitos grupos musicais e do intercâmbio musical que é efectuado Inter-Estabelecimentos. Neste contexto e decorrendo da multiculturalidade existente no sistema prisional, emerge uma panóplia de ritmos e modos de estar, através dos quais os indivíduos interagem e a vertente étnica é dada a conhecer ludicamente. Todos os anos, no dia Internacional da Música, a DGSP organiza o Festival de Música Inter-Prisões.

## **Leitura e Bibliotecas**

O direito à cultura (literária, artística, científica e política) é um direito fundamental e um importante meio pelo qual se constrói uma consciência esclarecida de cidadania nos planos ético, social e político. Considerando que um dos principais instrumentos para o acesso à cultura é o livro, uma vez que constitui um instrumento essencial para o conhecimento e aperfeiçoamento da língua portuguesa, a dinamização das bibliotecas dos EP foi uma das áreas de intervenção privilegiada.

Os elevados índices de iliteracia revelados pela população portuguesa em geral, e pela população prisional em particular, recomendam um contínuo esforço na dinamização das bibliotecas, não só em termos de aumento, como também de diversificação e renovação de fundos. Esta actividade foi ainda complementada com acções específicas de promoção da leitura, através da participação de escritores e actores em palestras, na leitura e em debates sobre textos literários ou outros de interesse para os reclusos. Isto sem esquecer a realização de concursos literários ou outras acções, que tivessem o uso da língua portuguesa e o livro como objectivo.

No contexto prisional, as bibliotecas são consideradas um dos instrumentos educativos mais importantes, uma vez que apoiam e complementam todo o trabalho

educativo, enquadradas no projecto de reabilitação dos reclusos. Em todos os Estabelecimentos Prisionais, os reclusos têm acesso à leitura através das bibliotecas aí existentes e das bibliotecas itinerantes que os visitam regularmente. No que reporta ao espólio literário das bibliotecas dos Estabelecimentos registaram-se donativos de organismos, públicos e privados, que contribuíram para aumentar e diversificar a oferta literária à população prisional.

O perfil do recluso / leitor traduz-se em indivíduos na faixa etária entre os 20 – 39 anos, com maior incidência entre os 30 – 39, com habilitações académicas a nível do 3.º ciclo e secundário, tendo como preferência o género romance, seguido da poesia. No âmbito do protocolo estabelecido com o Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, têm-se realizado diversas acções de promoção e dinamização da leitura. No ano de 2004, registou-se um forte incremento destas actividades que abrangeram vinte e um Estabelecimentos Prisionais.

Dados recolhidos do site: <http://www.dgsp.mj.pt/>

## Teatro nas Prisões

A actividade teatral é já uma realidade que nos Estabelecimentos Prisionais se vem acentuando, quer através da implementação de projectos que têm em conta uma conceptualização do teatro na sua vertente mais formativa, ultrapassando os vários momentos da criação do espectáculo em si, possibilitando o desenvolvimento de competências pessoais e sociais, quer pela formação espontânea de pequenos grupos que manifestam interesse nesta actividade, ou ainda pela representação de peças por Companhias / Grupos de Teatro vindos do exterior.

É vital para quem se encontra numa situação de enclausura procurar novas referências nas suas vidas que não seja o crime, de outra forma, a prisão é uma antecipação da morte. O Teatro surge na prisão como forma libertadora, ainda que parcial, podendo envolver os participantes num projecto que lhes podem dar condições de compensar a liberdade perdida. As prisões são lugares de inércia, de inacção, de fim. No Teatro podemos encontrar a renovação, o nascimento, onde o fim pode ser alterado e as acções podem ser modificadas. Um lugar onde os reclusos percebem que o mundo passa por constantes mudanças e que existe sempre a possibilidade de mudar o caminho que escolhemos para as nossas vidas.

Não poderei deixar de fazer referência ao fundador do Teatro do Oprimido, Augusto Boal, figura importante e de referência na área do Teatro e Comunidade. Augusto Pinto Boal nasceu a 16 de Março de 1931, na Penha, bairro da zona Norte do Rio de Janeiro. As suas técnicas e práticas tornaram-se mundialmente conhecidas, principalmente nas três últimas décadas do século XX. Foram usadas não só por aqueles que vêem o teatro como instrumento de intervenção política, mas, e principalmente também nas áreas da educação, saúde mental e no sistema prisional, devido à natureza de reinserção das mesmas. As suas teorias sobre o teatro são estudadas até hoje nas principais escolas de teatro do mundo. Augusto Boal concebeu um sistema metodológico onde o Teatro é usado como ferramenta de intervenção social. Luísa Conceição (2007, p. 187), directora do Grupo de Teatro do Oprimido de Coimbra, define o Teatro do Oprimido como sendo um «empreendimento sociocultural que utiliza

as técnicas de dramaturgia para favorecer a compreensão e a busca de alternativas para problemas pessoais e comunitários. Através da prática de jogos, exercícios e técnicas teatrais estimula-se a discussão e a problematização das questões do quotidiano».

Como exemplo de projectos de Teatro e Comunidade, temos o trabalho realizado no Estabelecimento Prisional de Castelo Branco: REXISTIR - Projecto Pluridisciplinar de Formação e Criação Artística Contínua. Este trabalho de formação e criação artística contínua foi desenvolvido há sete anos no EPCB, com a concepção e coordenação da coreógrafa Filipa Francisco. O projecto REXISTIR tinha como objectivos a promoção da criatividade e a reflexão sobre a relação entre a arte e a vida, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e interpessoal. A metodologia escolhida para este tipo de trabalho apoiou-se no encontro entre as artes performativas, as artes plástica e a escrita, sendo seus objectivos finais a construção de um espectáculo a ser divulgado e apresentado para todo o público. Assim, o trabalho prático foi dividido em três partes complementares, sendo elas a dramaturgia, a composição e montagem / ensaios e a apresentação do produto final.

Em 2008, Lara Soares, a artista convidada para integrar este projecto, desenvolveu com cinco reclusos do sector masculino um trabalho de grande componente visual e performativa. Nesse espectáculo, apresentado no EPCB, o corpo foi o ponto central onde assume uma atitude comportamental específica. O corpo foi trabalhado como um todo, pela soma de todas as suas partes. Explorou-se a gestualidade provocada pela experiência de estar privado. As marcas corporais, a ideia de disciplina do corpo, o controlo sobre os gestos, o tempo implicado na acção diária, foram conceitos trabalhados, relacionando-os com os objectos que manipulam o próprio corpo.

Um outro projecto de Teatro na prisão realizou-se em 2001, no Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira. No âmbito da PORTO 2001 – Capital Europeia da Cultura, o espectáculo “PRJ. X. Oresteia” foi o resultado de um ano de trabalho com um grupo de reclusos do sector masculino, orientado por Nuno Cardoso, que contou com a colaboração de Regina Guimarães, com o realizador Saguenail, entre outros. Acreditando que o Teatro é um espaço de cidadania, este projecto pretendeu criar ligações entre esse mesmo espaço e uma comunidade desprovida de qualquer direito que o cidadão comum tem. O objectivo deste projecto tem que ver com a união entre

um trabalho artístico e uma formação profissional, relativa aos ofícios da cena, permitindo aos reclusos uma reintegração quer a nível social, quer a nível laboral no meio teatral. Todo o processo de trabalho, desde a sua construção até ao produto final, foi registado em suporte audiovisual, no qual se realizou, posteriormente, uma longa-metragem intitulada “DENTRO”.

O texto base deste trabalho recaiu sobre uma tragédia grega, “Oresteia”, de Ésquilo. Segundo Nuno Cardoso (2001, p. 130): «A acção passa-se algures entre o Palácio de Argos e a Prisão de Paços de Ferreira, entre a cosmopolita Atenas e a recôndita Seroa. A trilogia de Ésquilo descrevia o advento de uma nova prática da justiça que questiona a legitimidade do “olho por olho, dente por dente”, à luz de uma Razão problematizada de causas e culpas. Estranha cegueira de uma balança que mais deve aos atalhos da retórica do que aos labirintos do pensamento». Desta forma, o objectivo de «interrogar a cidadania no espaço da sua privação» (2001, p. 131), foi inteiramente conseguido.

Muitos outros trabalhos dentro destes parâmetros foram realizados nas prisões portuguesas. A minha ressalva vai, especificamente, para estes dois projectos que mencionei, pois foram os que me estimularam e me motivaram para realizar o meu próprio projecto de Teatro na e para a Comunidade.

A beleza e prazer da fruição de uma arte de resistência, que derruba preconceitos e constrói novas conotações a essas vidas encarceradas.

(CONCÍLIO, Vicente, 2004)

## **Caracterização do Local de Estágio: Unidade Educacional e Terapêutica**

Actualmente, já não há freiras no EPT, foram substituídas por mulheres guardas nos pavilhões e homens à entrada, mas a atmosfera monacal não parece ter desaparecido. As freiras são as actuais guardas prisionais e o papel da Madre Superiora é, agora, desempenhado pela Directora do Estabelecimento. Tudo corresponde a uma hierarquia supostamente laica, onde o comportamento cristão mal camuflado continua a prevalecer.

Na entrada principal encontram-se pelo menos dois guardas homens que me pedem um documento de identificação, tratam de inserir os dados no computador e apontam-me para uma porta. Deixo os meus pertences no cacifo e passo pelo detector de metais. Supostamente, estas medidas de segurança previnem a entrada de objectos considerados agressivos e perigosos, ou até mesmo de estupefacientes. No entanto, o detector de metais nunca apitava quando, por exemplo, passava com um cinto nas calças. Nunca me revistaram e deixavam-me entrar sempre com as caixas onde transportava os CD's. Para mim, a “cara feia” que os guardas prisionais me faziam foi o suficiente para ter mostrado sempre boa vontade e compreensão, quando às vezes não me deixavam entrar porque chegava cinco minutos mais cedo. No entanto, nem todos têm medo de “cara feia” e as medidas de segurança não me pareciam tão coerentes quanto suposto.

Cumprido o ritual e deixada para trás a recepção, de novo a sensação de engano vivida à entrada, quando ainda procurava perceber onde era, afinal, a prisão de Tires. Sebes verdejantes de pitósporos e cedros cortados “à francesa” ladeiam uma larga avenida que nos conduz, do lado direito, aos serviços administrativos e ao infantário dos filhos das reclusas e, do lado esquerdo, ao parlatório.

Só mais adiante, ao fundo, no meio de árvores e campos cultivados, emergem os edifícios brancos com as janelas gradeadas. Crispadas nas barras de ferro, mãos. Muitas. Por vezes dois olhos a tentar ver algo além dos dois por três metros quadrados das celas.

(PIMENTA, Bárbara, 1992, p. 10)

O pavilhão da Unidade Educacional e Terapêutica visto de fora, parece uma casa com um belo jardim verdejante, onde eu me sentava nos bancos a maravilhar-me com aquele silêncio gritante. Não fossem os muros cheios de arame farpado, as grades nas janelas e nas portas, bem que passava por uma pousada ou uma casa de campo. Lá dentro escondem-se cerca de 20 mulheres, nas suas celas, as portas fechadas com trincos gigantescos, com uma janela pequenina que só abre por fora. À entrada, um pequeno compartimento que serve de escritório, “aquário” como as guardas prisionais chamavam. Uma área ampla com um balcão, umas mesas e cadeiras de chapa metalizada, um sofá grande e dois individuais, uma mesa tosca com uma camilha que servia de suporte para uma televisão, uma aparelhagem e um leitor de DVD's, era o espaço de convívio, lazer e trabalho para as reclusas deste pavilhão. Seguia-se um corredor enorme com uns azulejos cor-de-rosa, com uma grade a separar o espaço de lazer das celas. Normalmente, essa grade estava sempre aberta. Neste pavilhão as reclusas circulavam à sua vontade, não tendo aquela hora específica de recreio. Existiam mais umas quantas portas neste espaço amplo onde eu realizava as sessões, o único espaço suficientemente grande que servia para tudo, mas eu nunca cheguei a perceber muito bem o que havia lá dentro. Sei que uma dessas portas dava para um compartimento muito pequeno a que eles chamaram de ginásio, onde cabiam três máquinas e uns quantos colchões no chão, uma outra pareceu-me a lavandaria, e as restantes deviam ser escritórios para receber os advogados e os médicos.

## O Projecto

O meu projecto de estágio sofreu muitas mudanças, uma série de contratemplos que me fizeram alterar o projecto inicial e que me dificultaram o processo de trabalho. Inicialmente, propus um projecto para um grupo de reclusas na Casa das Mães, com quem já tinha trabalhado anteriormente noutro contexto. Este projecto consistia em aprofundar o trabalho desenvolvido anteriormente, através de improvisações sobre vários temas, com suporte de textos, onde se daria importância ao movimento, à acção física, à corporalidade do “actor” em cena. O improviso trata da necessidade de sermos completamente livres e ao mesmo tempo suficientemente rigorosos. Pretendia-se, assim, desmontar o movimento automatizado do corpo, lançando sobre ele um novo olhar, reconhecê-lo e senti-lo como se fosse a primeira vez. Este processo de trabalho assume uma componente que estimula o desenvolvimento da criatividade, da espontaneidade, da percepção do outro, da interacção entre participantes, do jogo dramático.

O primeiro entrave surgiu quando apresentei o projecto ao EPT, no final de Fevereiro de 2009. Nessa altura, ainda decorria um outro projecto com o grupo com o qual queria trabalhar e só poderia começar o meu trabalho quando o outro acabasse. A data de início que me deram para começar as minhas sessões na Casa das Mães (meados de Março) estava dentro da minha calendarização, por isso optei por aguardar que o outro projecto terminasse. Como teria que esperar, também, pela aprovação da DGSP teria sido um timing razoável para dar mais consistência ao projecto e preparar com mais cuidado ainda toda a parte prática do mesmo. Tratei de obter o mais depressa possível a aprovação da DGSP. Apesar de a ter conseguido relativamente rápido (demorou cerca de três semanas), este é um processo muito cansativo, pois depende de uma série de protocolos, neste caso entre a ESTC, o EPT e a própria DGSP. E digo cansativo, porque é preciso passar por uma série de burocracias para conseguir uma visita às instalações, por exemplo.

Com o projecto aprovado, entrei em contacto com o EPT para informar de que, em princípio, já estariam reunidas as condições para começar o trabalho. Para meu espanto informaram-me que ainda não era possível avançar com o projecto, pois o outro tinha-se estendido para finais de Março, início de Abril. De imediato, pedi uma reunião para esclarecer estas questões, na qual a Dr.<sup>a</sup> Conceição, responsável pela Casa das

Mães, explicou-me que o projecto a decorrer estava constantemente a sofrer alterações, pelo que previam o seu término para meados de Junho. Não me garantiam que esta nova data era cumprida e, fosse ou não, eu não poderia aguardar mais tempo para começar com o trabalho, por questões de calendário / prazos a cumprir.

Depois de uma longa conversa com a Dr.<sup>a</sup> Conceição decidimos mudar o público-alvo deste meu projecto, ou seja, deixaria o grupo da Casa das Mães e passaria para outro grupo, outro pavilhão, outro espaço, outro ambiente – Unidade Educacional e Terapêutica. Com todas estas contingências desgastantes, foi assim que cheguei à UET!

## Processo de trabalho

Foi assim que cheguei à UET! Confesso que senti um misto de desilusão e entusiasmo ao mesmo tempo, mas logo a seguir à reunião com a Dr.<sup>a</sup> Conceição, fui conhecer o novo grupo: vinte e uma mulheres a olharem para mim! Um ambiente mais descontraído do que imaginei, contudo, fictício; um grupo disponível, porém, aparente. Algumas das reclusas expressaram a sua opinião em relação ao trabalho que propus.

Esta era uma nova realidade, deparei-me com outro tipo de contexto, com outro tipo de histórias, com outro tipo de pessoas. Mais uma condicionante com a qual não contava e, por isso, era necessário e imprescindível alterar o projecto inicial.

Já no terreno e, depois de acordados os termos de articulação, os planos de intervenção, as temáticas a abordar, os horários e os grupos de trabalho, deparámo-nos com contratempos práticos que “obrigaram” a uma reestruturação quase completa do plano elaborado inicialmente.

(RODRIGUES, Ana Luísa, ROSA, Ana Patrícia, CARDOSO, Mónica, MOREIRA, Anabela, 2007, p. 147)

Optei por desenvolver um trabalho de base com este novo grupo, onde decidi explorar ferramentas que permitisse a cada uma delas uma maior percepção corporal, bem como as suas possibilidades expressivas. Através dos exercícios realizados, pretendeu-se desmontar o movimento automatizado, concentrando nele toda a atenção de modo a percebê-lo, respeitando a sua dinâmica e recriando-o. Pretendi reconciliar o indivíduo com o próprio corpo, através da expressão corporal: aprendendo a ouvir as suas razões profundas, afastando tensões e defesas, eliminando desequilíbrios e medos.

Era, então, no tal espaço de lazer deste novo pavilhão que decorriam as minhas sessões. Afastava os sofás para um canto, colocava a música e começávamos pelo aquecimento do corpo. A estrutura das sessões era sempre a mesma, ou seja, começava com um aquecimento corporal, desenvolvia vários exercícios e acabava com o relaxamento. Esta era a parte que elas mais gostavam. Ansiavam pelo relaxamento e mesmo que já passasse da hora pediam-me para fazer pelo menos cinco minutos, umas vezes com massagens individuais, outras com indicações para elas se alhearem do espaço. E, por isso mesmo, diziam que era o único momento em que conseguiam viajar. Eu perguntava-me a mim mesma como é que elas conseguiam viajar naquelas condições, não por estarem presas, mas sim por estarmos num espaço comum a todos,

onde tínhamos o olhar atento das guardas prisionais, as colegas a passarem das suas celas para o exterior, a falarem no telefone, os cães a ladrarem... As primeiras sessões foram um pouco complicadas por isso mesmo. Ninguém ali tinha consciência ou sensibilidade para perceber que o tipo de trabalho que estava a desenvolver impunha um ambiente mais concentrado. Não era possível fazer um exercício de relaxamento naquelas condições, ou um exercício que exigisse mais concentração por parte do grupo. Esta foi uma das grandes dificuldades que tive que ultrapassar.

É um dos factores essenciais para a realização de qualquer trabalho em uma instituição penal compreender que qualquer actividade está submetida a uma série de regras que não estão sujeitas a debate e que elas devem ser respeitadas caso realmente se pretenda realizar um processo até ao fim.

(CONCÍLIO, Vicente, 2004)

Com o tempo as guardas prisionais e as restantes reclusas foram percebendo essa necessidade. Eu não podia exigir isso da parte das reclusas, pois estava a usar o único espaço onde elas não estavam enclausuradas. Algumas vezes optei por fazer a sessão no ginásio, que apesar de ser um espaço muito pequeno, era preferível aos olhares inquisidores das guardas e intrigantes das colegas.

Em qualquer projecto que se faça, para além dos objectivos concretos de cada trabalho, cabem nestes também os objectivos pessoais de cada um. Eu sentia uma grande vontade em trabalhar numa prisão, mas não sabia ao certo porquê. Com o decorrer do trabalho e, agora, ao analisar o processo, percebi que o meu gosto por trabalhar com a comunidade prisional prende-se com o facto de lhes poder dar alguma coisa. São pessoas ditas “normais”, tal como eu, que em algum momento da vida passaram por alguma dificuldade e refugiaram-se no crime. Eu refugiei-me no Teatro para superar as coisas menos boas que me aconteciam, e acontecem. Tal como eu descobri que o Teatro me poderia ajudar de alguma forma, ou pelo menos ser um meio para tal, penso que ao dar-lhes um pouco do que eu aprendi, do que eu sei a nível artístico, talvez elas consigam encontrar outro caminho para as suas vidas, não necessariamente no Teatro, mas que este sirva de ferramenta para novas descobertas pessoais e sociais. Nunca foi minha pretensão “salvar” a vida destas mulheres, nem muito menos fazer delas actrizes, mas talvez mostrar-lhes que ainda existe alguém que as ouve e que não as condena pelo que fizeram, mas sim lhes dá esperança para continuar a sonhar, a VIAJAR!

## **Descrição do trabalho prático**

### *Dia 15 de Maio de 2009*

Ao início, foi um pouco estranho, porque o grupo estava muito calado. Parecia que não estavam a ouvir nada do que estava a dizer. Quando comecei a fazer o jogo “se eu fosse...” elas começaram a abrir um pouco a expressão facial e mostraram alguma curiosidade pelo exercício. Pareceu-me que, por muito simples que o exercício seja, as fez pensar um pouco.

Em relação ao jogo de ir ao centro do grupo e fazer um gesto que as caracterizasse, tiveram alguma dificuldade em o imaginar e fazer sem usar a palavra. No exercício de andar pela sala e saudarem-se, estavam muito envergonhadas e paradas, não ocupavam o espaço, refugiavam-se nos limites ao pé da parede. Resistiram um pouco.

Gostaram muito do relaxamento, apesar de uma ou outra estar desconcentrada e desconfortável. Uma delas assustou-me muito. É uma rapariga relativamente nova, de nacionalidade grega e não falava quase nada em português. Começou por dizer que a vida dela é muito sofredora, que ela não merece passar por toda aquela situação de encarceramento e, finalmente, que via o diabo. Não fiquei assustada com isso, porque o normal daquelas mulheres é falar logo das injustiças por que estão a passar ou já passaram, como algumas delas fizeram. O que me assustou foi a intensidade do olhar da rapariga. Primeiro, porque falava no meio dos exercícios sem alguém lhe perguntar alguma coisa e, depois, porque sentia o olhar dela a sugar toda a minha energia. Nem sei explicar muito bem, mas foi uma sensação muito estranha.

### *Dia 22 de Maio de 2009*

Comecei por fazer um pequeno aquecimento de corpo: esticar várias partes do corpo, pequena activação corporal individual. O grupo hoje era mais pequeno, no total estavam oito reclusas. Senti o ambiente logo desde início mais disponível para trabalhar. Assim, no aquecimento introduzi a parte da respiração. Fizemos um exercício simples de respiração com tempos. Expliquei que todas as sessões iam começar com um

aquecimento de corpo, que aos poucos iria ser intensificado de modo a abordar todos os pontos principais de um aquecimento (corpo, respiração, voz).

Seguidamente, passámos ao jogo dos Sinais de Trânsito. Fiquei surpresa com a participação delas neste jogo, notava-se que se estavam a divertir e não se esqueceram das regras principais: ocupação do espaço e cumprimento dos sinais. Para passar ao jogo do Espelho, usei um jogo de ocupação do espaço e também de formação de grupos. Assim, quando parava a música elas tinham que respeitar o que eu dizia: batata frita (sozinhas), dois a dois, três a três. Nestes jogos tive o cuidado de lhes explicar que teriam que ter sempre em atenção o espaço a usar, no sentido de não haver espaços mortos na sala. Cada uma tinha que ter atenção ao individual e ao colectivo. No jogo do Espelho não houve grandes dúvidas. Alguns movimentos eram complicados de espelhar, mas elas conseguiram perceber que se fizessem movimentos mais lentos o espelho tinha mais facilidade em acompanhar. O jogo da Estátua, como era com música, eu não fui tão exigente quanto à perfeição do movimento espelhado, embora quando estivessem em estátua tinham que estar exactamente iguais à colega, mesmo que tivessem que corrigir a posição.

Já no jogo dos Contrários, sentiram mais dificuldade. O movimento que faziam era confundido, muitas vezes, com o espelho e acabavam por “desequilibrar a balança”. Foi um pouco complicado pensar em contrários para fazerem. Notei que elas não exploravam muito mais do que os exemplos que dava. Em relação ao corpo, usaram o mais normal: braços para cima, para baixo, pernas para a frente, para trás... Faltou explorarem o corpo como um todo.

No jogo da Linha Imaginária dos Contrários elas já estavam um pouco cansadas. Faltava meia hora para a sessão acabar, mas eu achei que elas iriam perceber melhor o jogo dos contrários se experimentassem a linha dos contrários e, por isso, continuamos até ao final da sessão. Não resultou muito bem por estarem cansadas e por não terem conseguido criar situações. Como o jogo era de experimentar os contrários do que eu ia dizendo, nos menos óbvios elas tiveram alguma dificuldade em experimentar. Por exemplo, no gordo/magro, calor/frio, dia/noite, elas não questionaram, mas quando lhes disse subir/descer, elas subiram nas cadeiras e disseram que já não conseguiam subir

mais, e no descer deitaram-se no chão porque já não dava para descer mais. Senti que têm a imaginação / criatividade um pouco preguiçosa.

Terminei com um relaxamento simples: deitadas no chão, com música calma a tocar, eu ia passando em cada uma individualmente, punha a mão na barriga e abanava o corpo um pouco, como se embalasse um bebé.

Penso que esta sessão correu muito bem. Estavam mais disponíveis e animadas do que na primeira sessão, talvez por o grupo ser menor e ter conseguido ter uma maior proximidade com cada uma. Penso que gostaram do que fizeram nesta sessão, não houve nenhuma crítica menos boa no final. Pareceram-me muito empenhadas e dispostas a continuar.

#### *Dia 29 de Maio de 2009*

Nesta sessão tive oito reclusas, mas não foram as mesmas da semana anterior. Algumas da sessão anterior não vieram, e outras “novas” apareceram. O grupo dá-se todo bem e não sinto que haja ali algum possível conflito entre elas. O trabalho vai começar a intensificar-se e não vou poder estar com um grupo numa sessão e na sessão a seguir com outro diferente, mesmo que algumas mantenham.

Como habitual, comecei a sessão com um pequeno aquecimento. Para começar a mexer o corpo fiz um jogo em que elas tinham que andar pela sala e tocar no que eu fosse dizendo, por exemplo, cor e/ou objecto. Depois passei para um jogo parecido, Contacto e Equilíbrio, mas desta vez elas tinham que tocar no chão com a parte do corpo que eu dizia. No geral, não tiveram muita dificuldade a nível físico em fazer estes dois jogos. No jogo do Interruptor senti que não exploraram tudo do corpo, ou seja, pensaram em interruptores muito simples e as colegas descobriram rapidamente. Só a “Madalena”<sup>1</sup> é que teve mais dificuldade em encontrar os interruptores da “Tatiana”, mas por não tocado em todas as partes do corpo da colega, pois o interruptor era numa zona relativamente simples de encontrar. Sinto que começam a ter uma percepção mais

---

<sup>1</sup> Todos os nomes são fictícios, a fim de proteger a identidade das mulheres que participaram neste projecto.

global do próprio corpo. O jogo de Lavar o Carro serviu para se sentirem relaxadas com o toque das colegas.

Numa roda, cada uma à vez ia ao centro e fazia, só com o corpo, uma letra do abecedário. Seguidamente, em grupos de quatro, tinham que construir uma palavra com o corpo. Todas elas construíram as palavras com letras de diferentes formas daquelas que já tinham feito na roda. Criaram novas formas de fazer a mesma letra.

Por fim, fiz um relaxamento onde fui individualmente fazer uma pequena massagem no pescoço e cabeça de cada uma delas. Antes de sair pedi ao grupo que me trouxesse material sobre o que tínhamos feito até aqui, simplesmente o resumo da sessão, ou o que sentiram a fazer determinado jogo, ou o que sentiram durante a semana quando repetiam algum exercício, etc.

Pediram-me para as ajudar a criar uma coreografia para uma festa que elas queriam fazer no pavilhão, julgo para festejar o final do ano lectivo. Tinham pensado em dançar Hip-hop e música africana, com uma parte de movimentos mais livres com música calma. Eu propus ajudar na coreografia e levar exercícios nesse sentido. Na parte de improvisação de movimentos livres disse que as poderia ajudar. Para a parte do Hip-hop e música africana pensei que poderia convidar a Sónia Lucena para lhes dar alguns exercícios / movimentos base. Uma vez que tinha programado uma aula de Yoga com ela, poderia juntar o Yoga com a dança. Na sessão seguinte pensei em fazer exercícios com vendas.

#### *Dia 5 de Junho de 2009*

Senti-as logo desde início muito estranhas, o ambiente estava um bocado pesado e elas estavam tristes. Tive só quatro reclusas, porque duas das reclusas pediram precária e estavam arrumar as malas para irem a casa.

A sessão começou com um aquecimento de corpo. Pedi para que uma delas orientasse o aquecimento. Tiveram alguma dificuldade em fazer o aquecimento, pois já não se lembravam, então comecei eu a fazer e elas próprias depois começaram a fazer sozinhas.

Fiz o jogo do Pêndulo, mas em vez de três a três, fiz com o grupo tudo, uma vez que elas eram só quatro. No início do exercício estavam com um pouco de receio, mas depois perceberam que as colegas estavam completamente concentradas para as seguravam e entregaram-se cada vez mais. Repetimos várias vezes esse jogo, pois elas sentiam-se mais relaxadas e cada vez mais confiantes. Quando lhes pedi para uma se colocar em cima da mesa e se deixar cair para os braços da colega, aí tiveram muitas dificuldades. A “Tatiana” não conseguiu mesmo fazer este jogo, no entanto, as colegas conseguiram estar mais à vontade quando ela se mostrou totalmente disponível para as segurar. Conseguiu-se estabelecer uma união de grupo muito maior entre elas.

O jogo seguinte correu muito bem. Estavam obstáculos espalhados na sala a fazer um percurso e uma pessoa estava de olhos vendados e a outra ia dando indicações só com a voz de modo a que não tocassem nos obstáculos. Não tiveram dificuldade em dar indicações, nem de as seguir. Talvez uma ou outra confusão com a esquerda e a direita, nada de anormal, mas, às vezes, poderiam dar indicações erradas para irem de propósito contra os obstáculos e isso não aconteceu. Cumpriram à risca as regras do exercício.

O outro jogo era para usar o toque, sendo que quem tinha os olhos fechados tinha que se por na mesma posição que a colega estava. Isto é, a colega sem venda colocava-se numa determinada posição (sentada no chão, de pernas cruzadas, de joelhos, etc.) e quem tinha os olhos vendado tinha que perceber qual era a posição em que a colega estava, através do toque, e tinha que se colocar igual. O jogo de conduzir a colega de olhos vendados não correu como esperava. Elas estavam muito agitadas e com a preocupação saberem onde estavam no espaço e não se deixavam levar. No entanto, sentiram-se muito confusas e deram grande importância ao facto de terem que usar os outros sentidos. O jogo de fazer um som para a colega de olhos vendados ir atrás do som, também não correu muito bem. Elas dispersaram um pouco e não conseguiam fazer o silêncio necessário para a colega que estava com os olhos vendados perceber um único som e ir à procura dele.

A improvisação final foi muito forte, em termo de emoção e energia sentidas. O exercício consistia em fazer movimentos livres / dançar com os olhos vendados ao som de uma música. A música que escolhi foi “Untitled Three”, dos Sigur Ros, do álbum

Pulsar (2002). Não sei se foi por já estarem cansadas, mas o exercício não correu como eu esperava, mas também não foi negativo o que aconteceu. Tinha algumas dúvidas em relação à música que deveria usar, para não ser muito pesada nem deprimente. O facto é que elas não conseguiram exteriorizar o que sentiram ao ouvir a música. De facto, a música que apresentei poderia levar para pensamentos mais profundos, mas eu conversei e expliquei muito bem o que se pretendia do exercício e disse claramente que não era para ser um exercício sofredor e depressivo para elas. O problema prende-se com a necessidade de, cada um de nós, escondermos o que mais nos dói e daí refugiarmo-nos. Não sentiram a confiança necessária para mostrarem o que estavam a sentir através de movimentos com o corpo e acabaram por ficar paradas só a ouvir a música e de volta dos seus pensamentos. Optaram pelo mais fácil. As resistências, as defesas, começaram aparecer.

#### *Dia 19 de Junho de 2009*

A sessão hoje foi com uma convidada, professora de Dança e Yoga, Sónia Lucena. Começámos a sessão com um exercício de balões. Cada par tinha um balão entre elas e tinham que o movimentar para a parte do corpo que a professora Sónia ia indicando, sem usar as mãos e sem o deixar cair. A “Gisela”, a “Lara”, a “Madalena” e a “Renata” foram as que mais rapidamente se posicionaram como o indicado. A “Catarina” e a “Tatiana” tinham mais dificuldade, mas relacionada unicamente com a falta de concentração de ambas. Distraem-se muito e quando sentem alguma dificuldade refugiam-se no riso.

Depois dos balões a professora Sónia trouxe-nos duas danças tradicionais internacionais. Uma era tradicional da América e a outra de Israel. Na primeira dança houve muitas dificuldades. Não conseguiram entender todos os passos e como havia troca de pares na dança, elas ficaram mais baralhadas. Primeiro ensaiamos sem música e conseguiu-se fazer uma ou outra vez sem grandes enganos, pois era tudo feito num ritmo muito mais lento que o ritmo da gravação. Mas quando púnhamos a música, como era com um ritmo mais acelerado, elas não conseguiam acompanhar. À excepção da “Catarina” e da “Tatiana”, que conseguiram apanhar relativamente bem os passos, as

restantes não conseguiram mesmo fazer uma vez bem e desistiam constantemente sempre que se enganavam.

A segunda dança, a israelita, foi um pouco mais fácil. Notei que se sentiram mais apoiada, talvez pelo facto de ser dançada em roda de mãos dadas. Mais uma vez a “Catarina” e a “Tatiana” apanharam os passos muito bem. A “Renata”, a “Madalena”, a “Lara” e a “Gisela” tinham alguma dificuldade quanto à lateralidade. Enganavam-se sempre quando era para virar à esquerda ou à direita. A “Gisela”, depois de várias repetições, conseguiu apanhar bem os movimentos e acabou por fazer tudo bem, apesar da postura um pouco tensa. A “Renata”, a “Lara” e a “Madalena” não conseguiam acertar mesmo com a esquerda e direita e a postura delas era muito tensa e dura.

Depois das danças, passámos para o Yoga. Mudámo-nos para o ginásio, para estarmos num ambiente mais calmo e sem barulho. No Yoga não houve grandes dificuldades. A professora Sónia fez movimentos simples e elas conseguiram acompanhar. A saudação ao sol (movimentos de Yoga) exigia um pouco mais a nível de flexibilidade, mas elas conseguiram ultrapassar as dificuldades do movimento e no final ficaram muito satisfeitas com os resultados. Seguiu-se um pequeno relaxamento.

No final, tanto a professora Sónia como o grupo ficou bastante contente com a sessão. Para mim, foi muito importante ficar um pouco como observador, pois consegui perceber algumas das dificuldades de cada uma. Percebi melhor o que tenho que trabalhar individualmente com elas. A professora Sónia foi uma grande ajuda, pois chamou-me atenção para alguns problemas que elas têm a nível corporal e deu-me algumas indicações para o trabalho futuro. Foi uma sessão muito positiva, tanto para o meu trabalho como para o próprio grupo.

#### *Dia 26 de Junho de 2009*

Antes de começar a fazer os exercícios que tinha planeado, comecei com uma pequena conversa sobre a sessão passada. O feedback do grupo foi bastante positivo, em relação à sessão de Dança e Yoga.

Como já estamos num momento em que é necessário intensificar o ritmo de trabalho, a fim de conseguirmos fazer uma apresentação final, propus dobrarmos as

sessões. Assim, irei fazer o pedido para passar a ir à prisão às quartas-feiras e continuar com as sessões às sextas-feiras. Elas não ficaram radiantes com a ideia, mas penso que foi por estarem cansadas. Mal cheguei ao pavilhão começaram-me a dizer que estavam muito cansadas, porque tinham tido torneio de Voleibol da parte da manhã.

Hoje tive uma desistência, a “Gisela”. Fui falar com ela para tentar perceber o porquê dela querer sair. Ela não me deu nenhum motivo em concreto, disse-me apenas que não queria estar a fazer uma coisa por obrigação e, por isso, preferia desistir. Ela era uma das melhores do grupo, a nível de empenho e daí conseguir mais rapidamente integrar-se nos exercícios. Expliquei-lhe que tinha ficado muito contente com a prestação dela até aqui e que iria ficar triste por ela sair. Nunca tinha obrigado ninguém a estar presente nas sessões e se ela já tinha tomado a decisão eu não podia insistir, nem obrigá-la a ficar. Depois disto, achei importante perceber com quem é que poderia contar para conseguir orientar o meu trabalho, uma vez que se pretendia fazer uma apresentação final. A “Catarina” não ficou muito contente com a situação da “Gisela” e foi falar com a Subchefe. Criou-se ali uma pequena tensão, mas elas perceberam que o mais importante era quem continuava a trabalhar com o grupo e sessão começou sem qualquer problema. Assim, o grupo ficou só com a “Tatiana”, a “Catarina”, a “Lara”, a “Renata” e a “Madalena”, que possivelmente irá sair em Julho pois vai começar com o curso de Culinária. A “Jayma”, uma reclusa que estava na escola e por isso nunca apareceu, veio hoje e pediu para assistir às sessões, ao que eu não me opus.

O primeiro exercício que fiz foi o jogo do Com Licença. Neste jogo pretendia-se que elas mudassem de lugar usando só a voz, com as palavras “com licença”. Fui introduzindo novas variações, como por exemplo, o modo como se pedia “com licença” e a forma como a pessoa dava ou não a licença. Seguidamente, no mesmo jogo, introduzi um outro que era o de ler a notícia sem que o colega do lado conseguisse espreitar. Ou seja, à mesma na roda, sentadas no chão, duas tinham um papel na mão e teria que ler uma notícia. As colegas do lado como também queriam ler, tinham que espreitar para quem tinha a notícia. Como elas se sentiam incomodadas, mudavam de lugar usando o “com licença”. Depois fiz o mesmo, mas a andar pela sala. Tinham que usar todos os estratagemas que conseguissem para que só quem tinha a notícia é que a conseguisse ler. Estes jogos serviram de aquecimento.

O jogo seguinte foi o do Telefone Corporal Estragado. Primeiro dei o exemplo do Telefone Estragado, que consiste em dizer uma palavra / mensagem ao ouvido da colega e essa mensagem ir passando, até chegar ao final da roda e a última pessoa dizer a mensagem para confirmar se foi a mesma do início ou não. Depois expliquei que este telefone que íamos fazer era igual, mas em vez de passarmos uma mensagem falada, passávamos uma mensagem com o nosso corpo. Ou seja, estavam todas de costas e eu chamava uma colega para fazer um movimento com o corpo, ela passava esse movimento para a outra colega que eu chamava, essa colega passava para a outra, e assim sucessivamente. O movimento final nunca batia certo com o movimento inicial. Aqui, mais uma vez, apercebi-me da dificuldade de lateralidade delas. A “Catarina” e a “Tatiana”, nitidamente por falta de concentração, as restantes por falta de orientação e percepção do movimento. Após repetir algumas vezes o jogo do Telefone Corporal Estragado, passei para o jogo das sensações em grau ascendente. Neste jogo elas estavam sentadas em fila, viradas para a frente, e tinham que usar o corpo para a sensação / emoção que eu lhes dava, mas sempre atendendo à escala onde estavam. Quem estava no início da fila fazia a sensação / emoção muito fraca, quase que nem se percebia bem o que era e ia aumentando de grau até à última, em que tinha que explorar ao máximo o que aquela sensação / emoção causava no corpo. Houve alguma resistência a este jogo, pois não conseguiram o nível de concentração necessários que este exercício exige. No entanto, pareceu-me nítido que elas tinham essa noção e que apesar dos risos e da falta de concentração conseguiram perceber e sentir um pouco o jogo. Alias, elas próprias disseram que não conseguiram sentir mais pela falta de concentração, mas que deu para sentir um pouco o grau de intensidade que se pretendia no jogo.

No final da sessão, antes do habitual relaxamento, fiz um exercício em que juntei o último exercício da sessão de dia 5 de Junho, em que estavam com os olhos vendados e tinham que criar movimentos ao som de uma música, com este jogo das sensações em grau ascendente. O exercício constou, então, numa junção de movimentos livres, desta vez sem os olhos vendados, com as sensações que trabalhámos no jogo, através de uma música de fundo. Senti que resistiram muito ao exercício, faltou alguma imaginação, só se abanavam ao som da música. Ia dando dicas, individualmente, enquanto elas dançavam. Para o final do exercício, já começaram a conseguir o que se pretendia. A

“Tatiana” resistiu imenso neste exercício, disse que escolheu a inquietação, como sensação para trabalhar, e o que se limitou a fazer foi andar de um lado para o outro e, a certa altura, sentar-se no sofá. Disse-lhe que o que ela fez foi uma inquietação de quem não lhe apetecia fazer o exercício e ela acabou por concordar. As restantes procuravam novas coisas conforme lhes ia ajudando. A “Renata” ficou muito baralhada, sem saber o que fazer, porque racionalizava tudo e não transponha cá para fora. A “Catarina” também estava um pouco preguiçosa, mas ia-se esforçando. Depois do relaxamento, pedi-lhes um trabalho de casa: que me pusessem por escrito o que sentiram neste último exercício, ou seja, a história que elas estavam a explorar usando uma sensação, mas que me trouxessem essa história por escrito.

### Dia 3 de Julho de 2009

A “Renata” e a “Tatiana” avisaram-me na sessão anterior que iriam de precária e não estariam na sessão. A “Catarina”, quando cheguei, avisou-me que tinha uns problemas para resolver e que vinha mal pudesse, mas não apareceu. Nesta sessão só estive a “Lara”, a “Madalena” e a “Jayma”. Juntaram-se, para assistir à sessão de hoje, mais três reclusas que nunca tinham ido, uma delas (“Duscha”) participou mesmo na sessão. Como éramos poucas, fomos para o ginásio.

A sessão começou com um aquecimento e depois passei para um exercício de movimento e improviso. Consistia em criar um movimento único usando oito posições diferentes. Duas a duas, uma do par dançava ao som da música e quando a colega dizia “stop”, quem dançava ficava em estátua e a outra colega desenhava a posição em que o seu par tinha ficado. Tinham que desenhar 8 posições diferentes. Depois cada uma tinha que criar um movimento único juntando e criando ligações para essas posições.

Hoje fiquei muito contente com a sessão. Foi a primeira vez que senti que as coisas correram como tinha planeado. O resultado final foi muito surpreendente. Primeiro, fiquei muito contente por a “Duscha” querer fazer a sessão e o empenho dela foi muito bom. A “Jayma” surpreendeu-me bastante. Apesar de ela só ter entrado na semana passada, tem uma apetência natural para o movimento dançado. Criou rapidamente as ligações para as várias posições e, facilmente, conseguiu criar uma coreografia com sentido, sem que fosse notório o que era a posição e o que era a

ligação. Consegui uma continuidade muito boa para a coreografia montada. O corpo dela moldava-se e ajustava-se muito bem ao movimento que criava, não era rígido, nem tenso, nem pesado. Movimentava-se com alguma leveza e suavidade. Claro que não estou a comparar a uma bailarina profissional, mas comparado com as restantes colegas, ela tem uma grande capacidade para se mexer.

A “Lara” começou por fazer a primeira parte do exercício (desenhar as posições) sem qualquer problema, mas quando foi para fazer as ligações, foi chamada para ir ao telefone e não voltou mais. A “Duscha” conseguiu adaptar-se muito bem ao exercício, mesmo sendo a primeira vez. No início, estava com algumas dificuldades, mas depois soltou-se e começou a experimentar, em vez de pensar no que devia fazer, e o resultado final também foi muito satisfatório. Só criou ligação para as cinco primeiras posições, mas conseguiu criar um movimento leve e sem grandes quebras. Dei-lhe algumas dicas, em relação à postura e ao tipo de movimento, para ficar um movimento mais suave. Repetiu a coreografia e ficou muito melhor. A “Madalena” tem vindo a mostrar-se cada vez mais empenhada e interessada. Tem algumas dificuldades, mais no que diz respeito à coordenação, mas não desiste e não tem medo de experimentar sempre, cada vez mais. A meio da sessão também foi chamada para ir ao telefone e quando voltou não vinha muito bem. Pedi-me para mudar a música para um ritmo mais alegre. Eu mudei, mas mesmo assim ela já não estava a conseguir concentrar-se da mesma forma. Achei que era melhor não exigir muito dela depois disso e, apesar de estar mais abatida, continuou a experimentar e a coreografia que me apresentou tinha lá o que tinha pedido. Tem que se soltar um pouco mais e trabalhar a suavidade do movimento, menos rigidez no corpo enquanto o trabalha.

A sessão acabou com um aquecimento, desta vez com uma massagem individual. No final, a “Madalena” veio-me dizer que esta terapia é muito positiva para ela, que gosta muito e que tem pena em deixar por causa do curso de culinária. A “Jayma” comentou comigo que quando saísse gostaria de fazer workshops de corpo, principalmente, para aprender a relaxar. A “Jayma” vai sair em liberdade dia 19 de Julho.

*Dia 10 de Julho de 2009*

A “Catarina” desistiu destas sessões e não me veio avisar. Só fiquei a saber porque o grupo me disse. Tentei falar com ela, mas como estava na cela a descansar não consegui.

A sessão começou com um pequeno aquecimento de corpo. Eu estava com muitas dores de cabeça e não consegui concentrar-me o suficiente para que a sessão fosse intensa como as anteriores. A “Tatiana” estava com dores menstruais e, apesar de ter assistido à sessão, não conseguiu fazer os exercícios. A “Lara” estava constantemente a desistir e a dizer que não conseguia fazer o exercício. A “Jayma”, mais uma vez, foi fantástica. Continuou a trabalhar na coreografia da sessão anterior e melhorou-a. Pediu para colocar o CD da Beyoncé e conseguiu adaptar a coreografia ao novo ritmo imposto pela música. Esta mudança de música foi importante para elas perceberem que a base da coreografia que estavam a trabalhar mantém sempre, o que muda é a intenção com que cada uma faz determinado movimento. A “Tatiana” e a “Renata”, como não tiveram na sessão anterior, começaram por desenhar as posições e, seguidamente, passaram para as ligações. A “Tatiana” só desenhou as posições da colega por causa das dores que tinha. A “Renata” achou que não tinha que seguir o exercício e decidiu passar a sessão toda a dançar conforme queria. No final, quando lhe pedi para me mostrar o que tinha feito, ficou sem saber o que fazer, pois fez nada do que lhe foi pedido. Não tem ritmo, nem plasticidade no corpo. A “Lara” surpreendeu-me quando, depois de ter passado a sessão toda a dizer que não conseguia, no final à apresentar o trabalho da sessão deixou-se levar pela coreografia e improvisou nas partes que não tinha as ligações definidas. A “Madalena” evoluiu muito. Nesta sessão, apesar de ter que estar constantemente a dizer para ela trabalhar e não ficar só a observar as colegas, no final quando mostrou o que fez conseguiu eliminar certos tiques que fazia. Muito mais calma e sem precipitações, passou de posição para posição usando as dicas que lhe fui dando. Muito mais solta, o corpo dela começa a funcionar como um todo e com muito mais fluidez. No final da sessão, deixei algum material para elas trabalharem para a próxima sessão. Dei-lhes várias imagens com posições para elas continuarem com a coreografia. Dei, também, alguns exemplos de possíveis ligações. A “Jayma” ficou responsável por reunir com o grupo e trabalharem durante a semana. A sessão não acabou com o habitual relaxamento, pois já estava tarde. A “Madalena” foi a única que

me deu uma reflexão à cerca desta terapia. Já recebi a autorização para começar a fazer as sessões às quartas-feiras.

*Dia 15 de Julho de 2009*

Pequena reflexão individual e escrita sobre o trabalho realizado. Quando cheguei ao pavilhão a Subchefe avisou-me que não sabia se estavam reunidas as condições necessárias para realizar a sessão, uma vez que tinha havido um problema (agressões físicas) entre duas reclusas e estavam de castigo fechadas na cela. O ambiente estava de cortar à faca! Para além de uma das envolvidas nos conflitos fazer parte do grupo desta terapia, as restantes colegas estavam a trabalhar e não tinham condições psicológicas para fazer o que quer que seja. Depois de conversar um pouco com o grupo e ter entendido o porquê daquela confusão e desmotivação, pedi-lhes que me pusessem por escrito o que estavam a sentir e como isso influenciava as sessões. Para terminar fiz um pequeno relaxamento.

*Dia 22 de Julho de 2009*

O grupo comunicou-me a sua desistência deste projecto. A condição psicológica destas mulheres é muito complicada, desistem facilmente de qualquer coisa que lhes é proposto. O mesmo aconteceu, anteriormente, com outras actividades desenvolvidas no pavilhão. E o mesmo, segundo elas, iria acontecer com a próxima actividade que iria seguir-se à minha. Pelo que disseram, ninguém se inscreveu na actividade e, por isso, foram obrigadas a participar, mas que iam limitar-se a estarem presentes, sem fazer nada.

A justificação que o grupo me deu prendeu-se com a desmotivação e o trabalho. Para conseguirem algum dinheiro ali dentro, ou trabalham ou algum familiar envia-lhes. E para conseguirem trabalhar, não podem abdicar das horas laborais para participarem nas actividades. Eu tentei fazer ver que as terapias só as ajudam a passar as horas ali dentro, que se sentem que estão numa fase mais em baixo, se não se obrigam a ir as terapias ainda vai ser pior para elas, mas não adiantou de muito. Não senti que esta desistência do grupo tivesse, particularmente, a ver com as minhas sessões, mas de uma

forma geral elas não estão bem, com problemas com a Subchefe, com as colegas, com elas próprias, com o trabalho, e isso acabou por influenciar tudo. Só agora é que me apercebi, nitidamente, da influência da “Tatiana” no resto do grupo. Já tinha percebido que ela era uma pessoa muito forte ali, mas como as sessões estavam a correr bem, não dei grande importância. Agora percebi que toda aquela negatividade veio da parte dela e as restantes colegas acabaram por se deixar levar por aquela energia, mas julgo que ali dentro isso seja normal. O que dificultou ainda mais o meu trabalho e a minha percepção dessas questões foi o facto de eu só ir uma vez por semana à prisão trabalhar com elas. Uma vez por semana, com duas horas para trabalhar, torna-se complicado antever todos aqueles problemas. Acabo por me sentir impotente face a esta questão. O trabalho até aqui desenvolvido foi bastante positivo e, depois de ouvir os desabafos delas, não me pareceu justo persistir num trabalho que já tinha dado os seus frutos. Como se costuma dizer “quando um não quer, dois não brigam”. E, por isso mesmo, acabou antes do previsto, mas acabou bem.

## Plano de Estágio

<b>Maio</b>	<b>15</b>	<b>22</b>	<b>29</b>
Actividades	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conversa sobre o projecto.</li> <li>- Apresentação: numa roda, cada uma vai ao meio e faz uma acção que a caracterize, sem falar.</li> <li>- Jogo “se eu fosse...”</li> <li>- Jogo da Saudação.</li> <li>- Jogo do Semáforo.</li> <li>- Jogo dos Carrinhos de Choque.</li> <li>- Relaxamento.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aquecimento.</li> <li>- Jogo de ocupação do espaço: batata frita, dois a dois, três a três.</li> <li>- Jogo dos Sinais de Trânsito (proibido, virar à direita, virar à esquerda).</li> <li>- Jogo do Espelho.</li> <li>- Jogo da Estátua.</li> <li>- Jogo dos contrários.</li> <li>- Linha imaginária dos contrários.</li> <li>- Relaxamento.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aquecimento.</li> <li>- Andar pela sala e tocar no que o orientador disser (ex: cores, objectos, corpo).</li> <li>- Jogo do Interruptor.</li> <li>- Jogo Lavar o Carro.</li> <li>- Jogo do Contacto e Equilíbrio (andar pela sala a dançar e quando a música parar têm que tocar no chão só com a parte(s) do corpo que o orientador disser).</li> <li>- Jogo Abecedário no corpo.</li> <li>- Construir palavras com o corpo.</li> <li>- coreografia da música Hokey-Pokey</li> <li>- Relaxamento.</li> </ul>

<b>Junho</b>	<b>5</b>
Actividades	<ul style="list-style-type: none"><li>- Aquecimento.</li><li>- Jogo do Pêndulo (três a três).</li><li>- Jogo da confiança: uma atira-se para os braços das colegas.</li><li>- Jogo da confiança: colocar vários obstáculos no chão e uma pessoa tem que guiar a colega com os olhos vendados só através da voz.</li><li>- Uma pessoa coloca-se numa posição, quem está com os olhos vendados tem que se colocar na mesma posição, usando o toque, sentindo o corpo do outro.</li><li>- uma pessoa com os olhos vendados é guiada pela colega (sem venda) pela sala, começa a andar devagar e vai aumentando o ritmo.</li><li>- Segue o som... E descobre quem sou: uma pessoa fica com os olhos vendados e o orientador escolhe uma outra pessoa (sem venda) do grupo para fazer um som. Quem tem os olhos vendados tem que chegar à colega só através do som.</li><li>- todas com os olhos vendados vão improvisar ao som da música.</li><li>- Relaxamento.</li></ul>

<b>Junho</b> (continuação)	<b>19</b>	<b>26</b>
Actividades	- aula de Yoga (convidada: Sónia Lucena)	<p>- Aquecimento.</p> <p>- Jogo do Com Licença: numa roda sentados, um levanta-se do lugar e dirige-se a outro e pede para se sentar dizendo só “com licença” (variações: com contrastes de voz, empurrar a colega)</p> <p>- Jogo Ler a Notícia: na roda, algumas têm uma folha com uma notícia na mão para ler, sempre que se sentirem incomodadas trocam de lugar pedindo licença, quem não tem a folha, tenta ler a notícia da colega do lado e sempre que não conseguir muda de lugar pedindo licença.</p> <p>- o mesmo, a andar pela sala.</p> <p>- Jogo do Telefone Avariado, com o corpo.</p> <p>- Jogo das sensações por grau ascendente (dor, frio, espanto, fome, calor, aflição para ir ao w.c...)</p> <p>- dança livre com música de fundo, usando as sensações trabalhadas no exercício anterior.</p> <p>- Relaxamento.</p>

<b>Julho</b>	<b>3</b>	<b>10</b>	<b>15</b>	<b>17</b>
Actividades	<p>- Aquecimento.</p> <p>- exercício de movimento e improvisação: desenhar 8 posições diferentes. Cada uma tem que criar um movimento único juntando e criando ligações para essas posições.</p>	<p>- Aquecimento.</p> <p>- continuação da sessão anterior.</p>	<p>- reflexão do processo de trabalho.</p>	<p>- greve dos guardas prisionais.</p>
<b>Julho</b> (continuação)	<b>22</b>	<b>24</b>	<b>29</b>	<b>31</b>
Actividades	<p>- aquecimento.</p> <p>- breve conversa sobre a apresentação final.</p> <p>- preparação das coreografias para a apresentação.</p> <p>(desistência do grupo)</p>	<p>- preparação das coreografias para a apresentação.</p> <p>(desistência do grupo)</p>	<p>- preparação das coreografias para a apresentação.</p> <p>(desistência do grupo)</p>	<p>apresentação final.</p> <p>(desistência do grupo)</p>

## Descrição das Actividades Desenvolvidas

1. Apresentação: numa roda, cada uma vai ao meio e faz uma acção que a caracterize, sem falar.
2. Jogo “se eu fosse...”: um animal, um objecto, um recado, uma paisagem, uma morte. Completar as frases.
3. Jogo da Saudação: andar pela sala, cumprimentar as colegas, primeiro sem falar, depois só com um gesto, de seguida, introduz a palavra (ex: Olá, Bom Dia).
4. Jogo do Semáforo: andar pela sala, respeitar as cores que o orientador vai dizendo – Vermelho (parar em estátuas), Amarelo (andar e falar com moderação), Verde (andar e falar em completo êxtase).
5. Jogo dos Carrinhos de Choque: colocam-se em roda, cada um fixa o seu lugar e quem tem à sua direita e esquerda. Quando a música está presente, o grupo dança pelo espaço e quando aquela pára, voltam ao seu lugar na roda. Quando voltam ao lugar pode haver ordens definidas, como ficar de costas, ficar de olhos fechados, sentados, deitados, entre outros. A regra principal do jogo é não chocar com ninguém. Quem choca saí do jogo.
6. Jogo de ocupação do espaço: andar pela sala e respeitar as ordens do orientador: batata frita (paradas em estátua), 2 a 2, 3 a 3. O objectivo do jogo é que o espaço fique equilibrado quando o grupo está em batata frita, 2 a 2, ou 3 a 3.
7. Jogo dos Sinais de Trânsito: cada uma desenha num papel dois dos três sinais apresentados: proibido, virar à direita, virar à esquerda. Andam pela sala e quando o orientador bate uma palma, cada uma mostra um dos sinais escolhidos à colega que estiver à frente, esta respeita o sinal, e por sua vez a colega que lhe mostrou o sinal também respeita o sinal que viu.
8. Jogo do Espelho: duas a duas, frente a frente, uma faz vários movimentos, gestos, e a colega tem que copiar exactamente o que foi reproduzido, ao mesmo tempo. Troca de espelho.
9. Jogo da Estátua: O grupo deve agrupar-se em pares e colocar-se um em frente ao outro em cada par. Dançam ao ritmo da música em espelho e quando a música pára, ficam em estátua, ambos têm de estar na mesma posição, uma vez que estão em espelho.

10. Jogo dos Contrários: duas a duas, frente a frente, uma faz movimentos, gestos, e a colega tem que fazer o contrário. Exemplo: uma dá um passo para a frente, a colega tem que dar um passo para trás. Este jogo funciona como uma balança que tem que estar sempre equilibrada.
11. Linha Imaginária dos contrários: o orientador desenha uma linha imaginária a meio da sala, divide-se o grupo a meio, o orientador dá vários temas/palavras, o grupo vai experimentando os contrários cruzando para o outro lado da linha imaginária. Exemplo: do lado esquerdo da linha está frio, do outro lado estará o contrário de frio, o grupo passa de um lado para o outro experimentando o frio e o quente.
12. Andar pela sala e tocar no que o orientador diz: cores, objectos, partes do corpo.
13. Jogo do Interruptor: O grupo deve agrupar-se em pares e cada uma colocar-se em frente à outra em cada par. Cada uma escolhe um ou vários pontos do corpo (por ex: o nariz, a orelha, o pé, o cotovelo, entre outros) que serão o seu interruptor. Em presença do estímulo musical, um aluno dança ao ritmo da música e o seu par tenta descobrir o seu interruptor, sem falar, tendo de colocar as mãos no colega que dança. Quando acertar no interruptor, o que dança pára como se desligasse.
14. Lavar o Carro: num grupo de seis pessoas, uma colega é o carro, as restantes são as máquinas de lavar. O carro fica completamente imóvel, mas relaxado para ser lavado, as máquinas lavam o carro esfregando o corpo da colega, fazendo os sons das máquinas.
15. Jogo do Contacto e Equilíbrio: O grupo espalha-se pelo espaço e dança ao ritmo da música livremente, quando a música pára o orientador menciona uma, duas ou mais partes do corpo que terão de contactar num colega ou no chão.
16. Jogo do Abecedário no corpo: O grupo coloca-se em roda e cada uma pensa numa letra e, posteriormente, escreve a letra com o corpo.
17. Construir palavras com o corpo: colocam-se em grupos de 4 a 6 elementos e cada grupo escolhe uma palavra com o número de letras correspondente ao número de participantes. Cada grupo terá de escrever a palavra com o corpo e os restantes observam e tentam perceber qual a palavra escrita.
18. Jogo do Pêndulo: em pequenos grupos de 5 ou 6 elementos, colocam-se em roda e uma fica no meio. Quem está no meio, junta os pés e não deve tirá-los do lugar

e deixa-se ser empurrado devagar pelas colegas que estão na roda. Pode ser realizado com olhos fechados ou abertos.

19. Jogo da Confiança: o grupo coloca-se em duas filas frente a frente e dão as mãos criando uma base. Uma colega em cima de uma mesa, deixa-se cair para os braços das colegas. Atenção: este jogo só deve ser feito no mínimo com dez pessoas, para garantir que quando alguém caia nos braços, o grupo esteja suficientemente forte para amparar a queda. Caso contrário, o objectivo do jogo perde-se, uma vez que se trabalha a confiança uns dos outros no grupo.
20. Jogo da Confiança 2: colocar vários obstáculos no chão e uma colega tem que guiar a outra com os olhos vendados só através da voz.
21. Uma colega coloca-se numa posição, quem está com os olhos vendados tem que se colocar na mesma posição, usando o toque, sentindo o corpo do outro.
22. O grupo deve agrupar-se em pares, uma de cada par coloca uma venda e é conduzida pela outra. Quem conduz deve colocar uma mão nas costas e outra agarra a mão da colega vendada. Depois trocam. A condução pode ser realizada em várias direcções, sentidos e velocidades.
23. Segue o som... E descobre quem sou: Uma colega tem uma venda, as restantes espalham-se pelo espaço. O orientador aponta para uma colega do grupo que terá de realizar um som continuamente, sem falar. Quem está vendado segue o som e quando chega a este tem de descobrir de quem se trata através do tacto na colega.
24. Todas com os olhos vendados vão dançar ao som de uma música, improvisando movimentos com o corpo, de acordo com as emoções, sensações, que a música lhes transmite. Não se pretende uma coreografia perfeita, nem movimentos delineados. É um exercício de exploração dos movimentos do corpo com o estímulo da música.
25. Jogo do Com Licença: numa roda, sentadas no chão, uma levanta-se do lugar e dirige-se a uma colega e pede para se sentar dizendo só “com licença” (variações: com contrastes de voz, empurrar a colega). Esta pode não ceder o lugar e a colega tem que ir procurar outro sítio.
26. Jogo Ler a Notícia: na roda, algumas têm uma folha com uma notícia na mão para ler, sempre que se sentirem incomodadas trocam de lugar pedindo licença, quem não tem a folha, tenta ler a notícia da colega do lado e sempre que não

conseguir muda de lugar pedindo licença. Repete o exercício, mas a andar pela sala.

27. Jogo do Telefone Avariado, com o corpo: igual ao telefone avariado, mas a mensagem passada é com o corpo, ou seja, o grupo fica virado para a parede de forma a não ver o que o orientador está a fazer, o orientador chama uma pessoa do grupo e esta reproduz um movimento. O orientador vai chamando uma a uma, do grupo, e estas vão passando os movimentos que a colega anterior reproduziu. No final, espera-se que o primeiro movimento feito seja igual ao último movimento.
28. Jogo das sensações por grau ascendente: cada uma sentada numa cadeira, em fila viradas para a frente. O orientador lança uma emoção/sensação e o grupo tem que as reproduzir somente com o corpo, não pode usar a palavra. Quem está em primeiro lugar na fila, começa a sentir no corpo a emoção/sensação de forma muito subtil, até que vai passando de colega para colega, e quem está no final entra em êxtase total. As sensações são passadas com o olhar, assim que a colega sentir que está instalado no seu corpo a sensação que está a fazer, vira a cabeça para o lado olhando a colega, e esta pega no movimento que lhe é passado e aumenta um pouco mais essa sensação. Exemplos: dor, frio, espanto, fome, calor, aflita para ir ao w.c, etc.
29. Exercício de movimento e improvisação: duas a duas, uma dançava ao som da música e a colega dizia stop e desenhava a posição em que a outra tinha ficado. Desenhar 8 posições diferentes. Cada uma tinha que criar um movimento único juntando e criando ligações para essas posições.

## Conclusão

A transmissão genética de características que contribuem para o risco de mau comportamento, os contextos sociais que encorajam a rebeldia e acções anti-sociais, e as práticas de criação dos filhos que legitimam o uso da força têm sido apontados como factores que explicam de que modo é que as famílias contribuem para o crime. Infelizmente, pouco se conhece sobre as condições do ambiente que podem melhorar a criação dos filhos, ou quais as formas de educação que são mais eficazes com diferentes tipos de crianças. Um conhecimento integrado, que englobe componentes biológicas, sociológicas e psicológicas do desenvolvimento, aumentaria extraordinariamente a probabilidade de uma melhor compreensão do comportamento criminoso e, talvez, da sua prevenção.

A Arte, como forma de compreender o mundo, permite-nos desenvolver o pensamento crítico, a criatividade e a sensibilidade, explorando e transmitindo novos valores e novas percepções. A Arte não está separada da vida comunitária, faz parte integrante dela. Assim, com este projecto interessava-me compreender os contextos de intervenção na comunidade. Por isso, escolhi aprofundar a experiência de lidar com uma comunidade prisional, que tão peculiar é, para compreender o projecto teatral como um possível veículo educacional. As ferramentas conceptuais, artísticas e técnicas que explorei neste mestrado, permitiu-me desenvolver um trabalho de natureza artística e pedagógica.

Foi uma experiência muito enriquecedora a nível pessoal, mas também foi, sem dúvida, uma forma de estabelecer relações entre o meio artístico e a comunidade. Desta forma, esta experiência é um continuar da minha formação para intervir através do teatro em todas as componentes da sociedade, para demonstrar a necessidade de apostar no teatro como veículo e ferramenta de intervenção social, para trabalhar no teatro como causa capaz de desenvolver mecanismos para um novo modo de socializar realizando diversos projectos teatrais com e para a comunidade.

*Filhos dum deus selvagem e secreto  
E cobertos de lama, caminhamos  
Por cidades,  
Por nuvens  
E desertos.  
Ao vento semeamos o que os homens não querem.  
Ao vento arremessamos as verdades que doem  
E as palavras que ferem.  
Da noite que nos gera, e nós amamos,  
Só os astros trazemos.  
A treva ficou onde  
Todos guardamos a certeza oculta  
Do que nós não dizemos,  
Mas que somos.*

**Ary dos Santos**

## Bibliografia

BOAL, Augusto, *Duzentos Exercícios e Jogos para o actor e o não actor com ganas de dizer algo através do TEATRO*, Lisboa: Cooperativa de Acção Cultural SCARL, 1978.

CARDOSO, Nuno, 2001, “PRJ. X. Oresteia” in *Teatro dos Outros*, Isabel Costa Alves e Regina Guimarães (org.), Porto: Edições Afrontamento, pp. 120-131.

CARMO, Isabel do, FRÁGUAS, Fernanda, *Putá de Prisão – A Prostituição vista em Custóias*, Lisboa: A Regra do Jogo, Edições, 1982.

FOUCAULT, Michel, *Vigiar e Punir*, Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.

PIMENTA, Bárbara, *Prisão de Mulheres*, Lisboa: Europress, 1992.

RODRIGUES, Ana Luísa, ROSA, Ana Patrícia, aa.vv., *Educar o Outro – As questões de Género, dos Direitos Humanos e da Educação nas Prisões Portuguesas*, Coimbra: Humana Global, 2007.

CAETANO, Maria João, 2006, “Da prisão para o Teatro Camões”, ([http://dn.sapo.pt/inicio/interior.aspx?content\\_id=649277](http://dn.sapo.pt/inicio/interior.aspx?content_id=649277)), consulta em 01/03/2009.

CARRANCA, Inês, 2009, “Mães atrás das grades”, (<http://www.destak.pt/artigos.php?art=28319>), consulta em 20/05/2009.

Cláudia, 2008, “Estabelecimento Prisional de Tires”, (<http://agir-reagir-h.blogspot.com/2008/05/estabelecimento-prisional-de-tires.html>), consulta em 22/05/2009.

CONCÍLIO, Vicente, 2004, “Teatro e Prisão em fogo cruzado: quando a arte promove encontros e derruba preconceitos”, (<http://www.urutagua.uem.br//007/07concilio.htm>), consulta em 16/07/2009.

CONCÍLIO, Vicente, 2006, “Teatro e Prisão: dilemas da liberdade artística em processos teatrais com população carcerária”,  
([www.politeia.org.br/Teatro+e+Prisão:+dilemas+da+liberdade+artística+em+processos+teatrais+com+população+carcerária](http://www.politeia.org.br/Teatro+e+Prisão:+dilemas+da+liberdade+artística+em+processos+teatrais+com+população+carcerária)), consulta em 16/07/2009.

CUNHA, Manuela Ivone P. da, 2002, “O bairro e a prisão: a erosão de uma fronteira”,  
(<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5225/3/O%20bairro%20e%20a%20pris%C3%A3o.%20A%20eros%C3%A3o%20de%20uma%20fronteira.pdf>), consulta em 20/05/2009.

Direcção Geral dos Serviços Prisionais, “Estabelecimento Prisional de Tires”,  
(<http://www.dgsp.mj.pt/>), consulta em 01/03/2009.

FERREIRA, Marta Sofia, 2005, “Dia da Criança também se comemora nas prisões”,  
([http://diario.ioi.pt/noticia.html?id=544281&div\\_id=4071](http://diario.ioi.pt/noticia.html?id=544281&div_id=4071)), consulta em 22/05/2009.

FICHE, Natália Ribeiro, 2007, “Teatro na Prisão: Trajectórias Individuais e Perspectivas Colectivas”,  
(<http://seer.unirio.br/index.php/pesqcenicas/article/viewFile/186/160>), consulta em 01/03/2009.

([http://www.rits.org.br/rets/edicoes\\_a/ed190900\\_2/re\\_entrevista.cfm](http://www.rits.org.br/rets/edicoes_a/ed190900_2/re_entrevista.cfm)), consulta em 01/03/2009.

Jornal de Brasília, 2007, “ESPECIAL – Oficina de teatro devolveu auto-estima para os detentos, que sonham com um futuro melhor”,  
([http://www.districtofederal.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD\\_CHAVE=48673](http://www.districtofederal.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD_CHAVE=48673)), consulta em 01/03/2009.

MISCIASCI, Elizabeth, 2008, “Teatro nos Presídios- Arteterapia que já sendo adotada em Diversas Unidades Prisionais”,  
([http://www.eunanet.net/beth/news/topicos/teatro\\_presidio.htm](http://www.eunanet.net/beth/news/topicos/teatro_presidio.htm)), consulta em 01/03/2009.

NOGUEIRA, Márcia Pompeu, 2007, “Tentando definir o Teatro na Comunidade”,  
(<http://www.portalabrace.org/ivreuniao/GTs/Pedagogia/Tentando%20definir%20o%20Teatro%20na%20Comunidade%20-%20Marcia%20Pompeo%20Nogueira.pdf>),  
consulta em 01/03/2009.

O Primeiro de Janeiro, 2007, “Reclusos vão ao Teatro”,  
([http://www.jesuscristosuperstar.pt/imprensa/20071007\\_pj\\_reclusos\\_vao\\_teatro.pdf](http://www.jesuscristosuperstar.pt/imprensa/20071007_pj_reclusos_vao_teatro.pdf)),  
consulta em 01/03/2009.

SIMÕES, Joana Ramos, 2008, “Reclusas de Tires aprendem ‘design’”,  
([http://dn.sapo.pt/inicio/interior.aspx?content\\_id=1135571](http://dn.sapo.pt/inicio/interior.aspx?content_id=1135571)), consulta em 22/05/2009.

Visões Úteis, 2006, “Projecto Liberdades”,  
(<http://www.visoesuteis.pt/outras/outras.html>), consulta em 01/03/2009.

## Bibliografia de Referência

BAHIA, Sara, *Psicologia da criatividade: Referenciais teóricos*, Psicologia da Criatividade, Lisboa.

DEBORD, Guy, *A Separação acabada, A Sociedade do Espectáculo*, Lisboa: Mobilis in Mobile, 1991.

ECO, Umberto, 1977, *Como se Faz Uma Tese em Ciências Humana*», Lisboa: Editorial Presença, 2002.

MANY, Eric, GUIMARÃES, Samuel, *Como Abordar a Metodologia do Trabalho de Projecto*, Porto: Areal Editores, 2006.

ROOTACKERS, Paul, *101 Jogos Dramáticos*, Lisboa: Edições Asa, 2002.

SANTOS, Maria Emília Brederode, OLIVEIRA, José Manuel Nunes de, aa.vv., “Dossier – Aprender como Aventura”, *Noesis Revista Trimestral*, 76: Janeiro/Março, 2009, pp. 24-49.

SOUZA, Maria Aparecida, *Teatro-Educação e os Processos de Indistinção Estética na Pós-modernidade: Uma reflexão sobre “Improvisação para o Teatro” de Viola Spolin*, 2001.

SPOLIN, Viola, *O Jogo Teatral no Livro do Director*, São Paulo: Perspectiva, 1999.

SPOLIN, Viola, *Jogos Teatrais. O fichário de Viola Spolin*, São Paulo: Perspectiva, 2001.

VASQUES, Eugénia, *João Mota, o Pedagogo Teatral (Metodologia e Criação)*, Lisboa: Colibri/IPL, 2006.

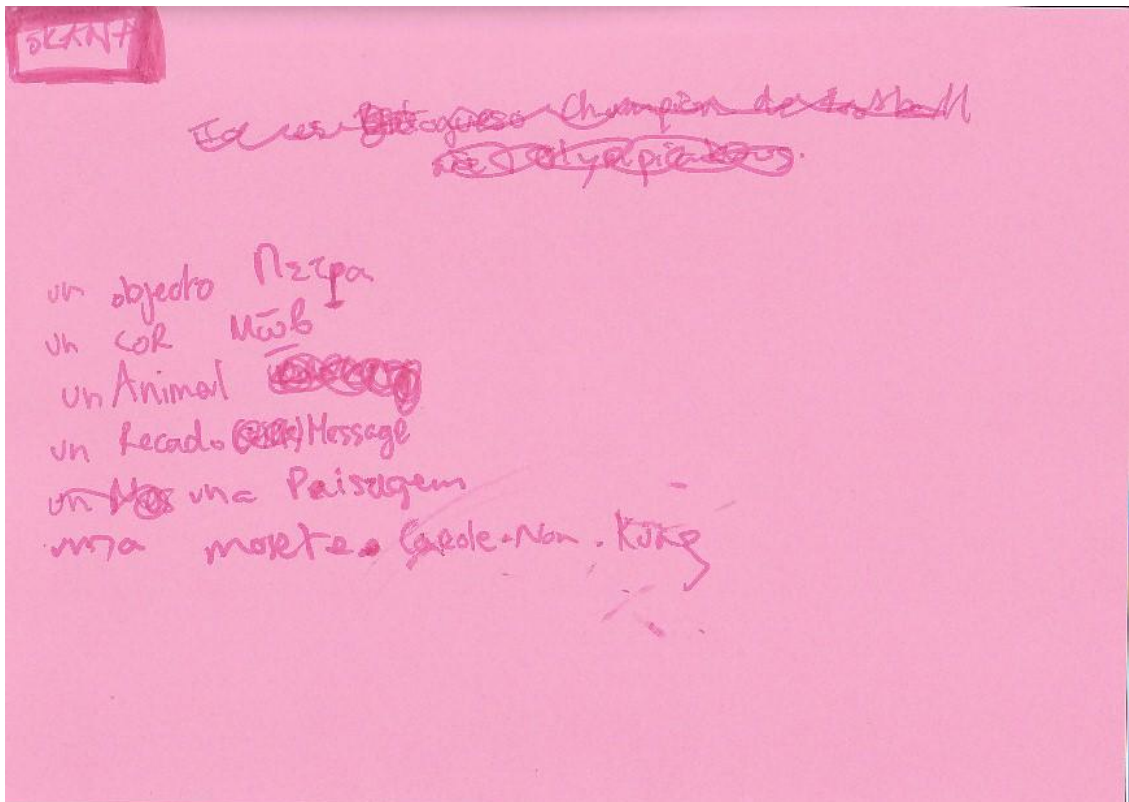
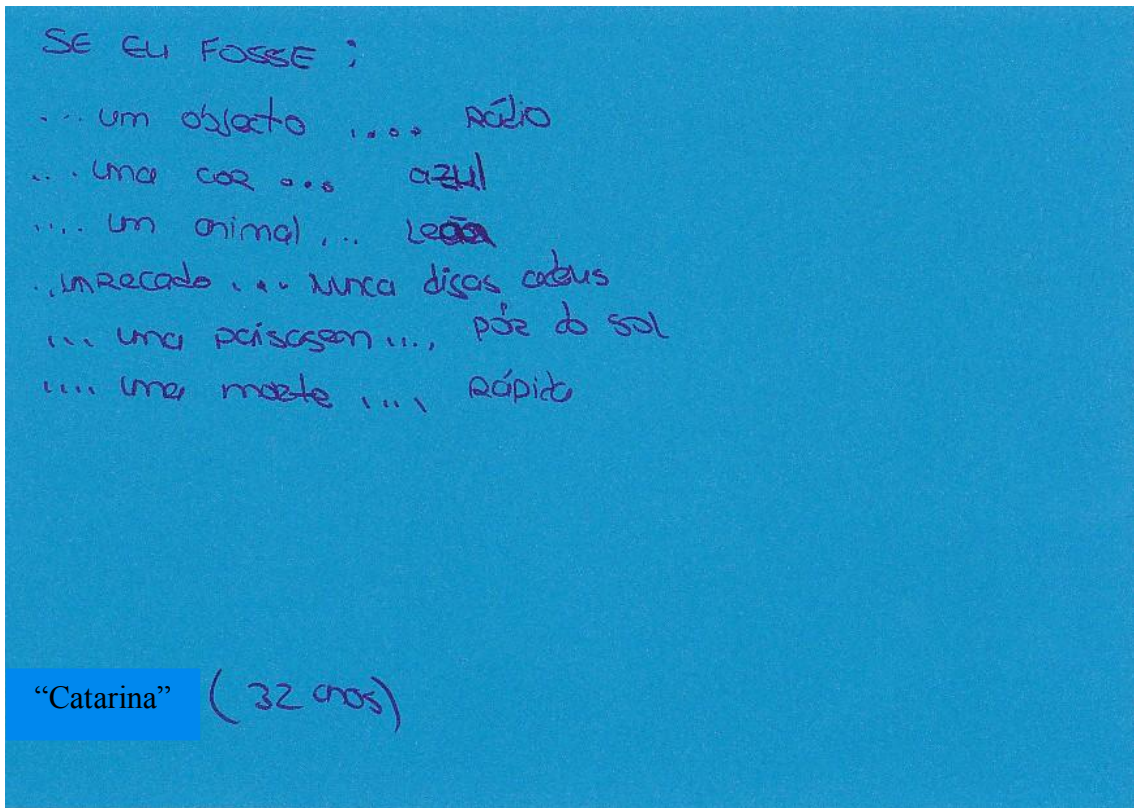
BOAL, Augusto, *Teatro do Oprimido: e outras poéticas políticas*, Rio: Civ. Brasileira, 1983.

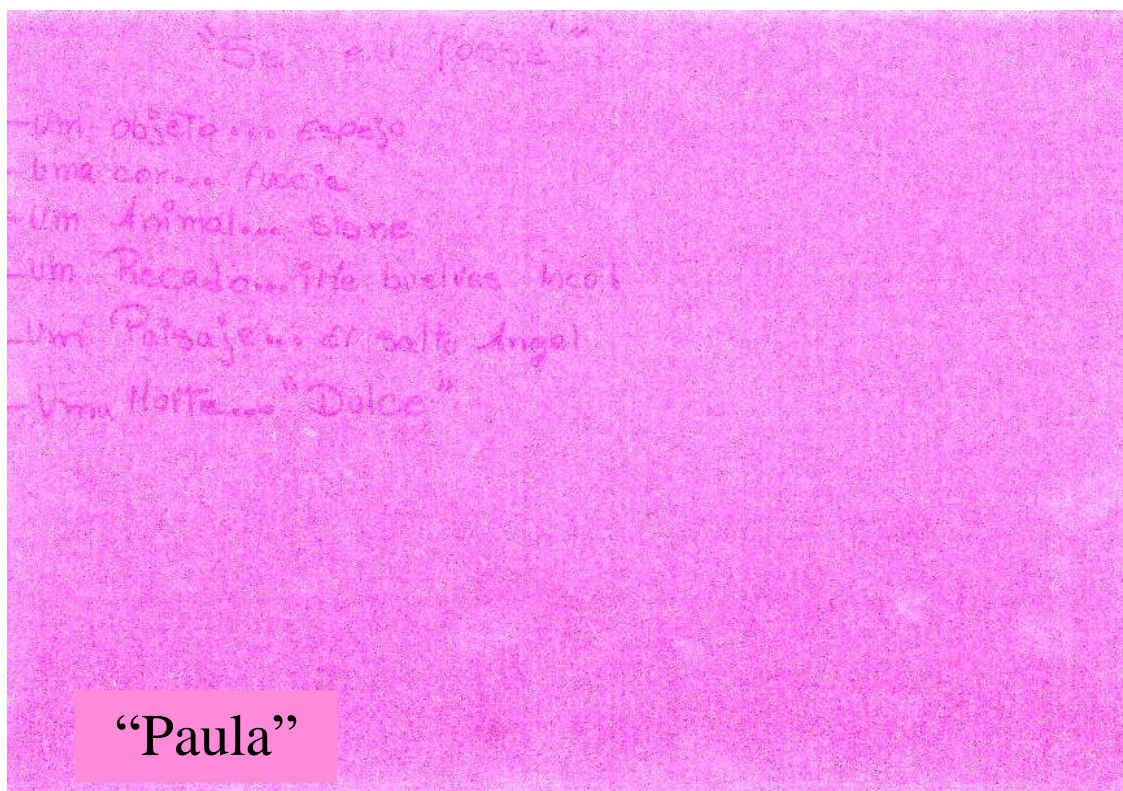
FREIRE, Paulo, *Pedagogia do oprimido*, Rio: Paz e Terra, 1977.

## Índice dos Anexos

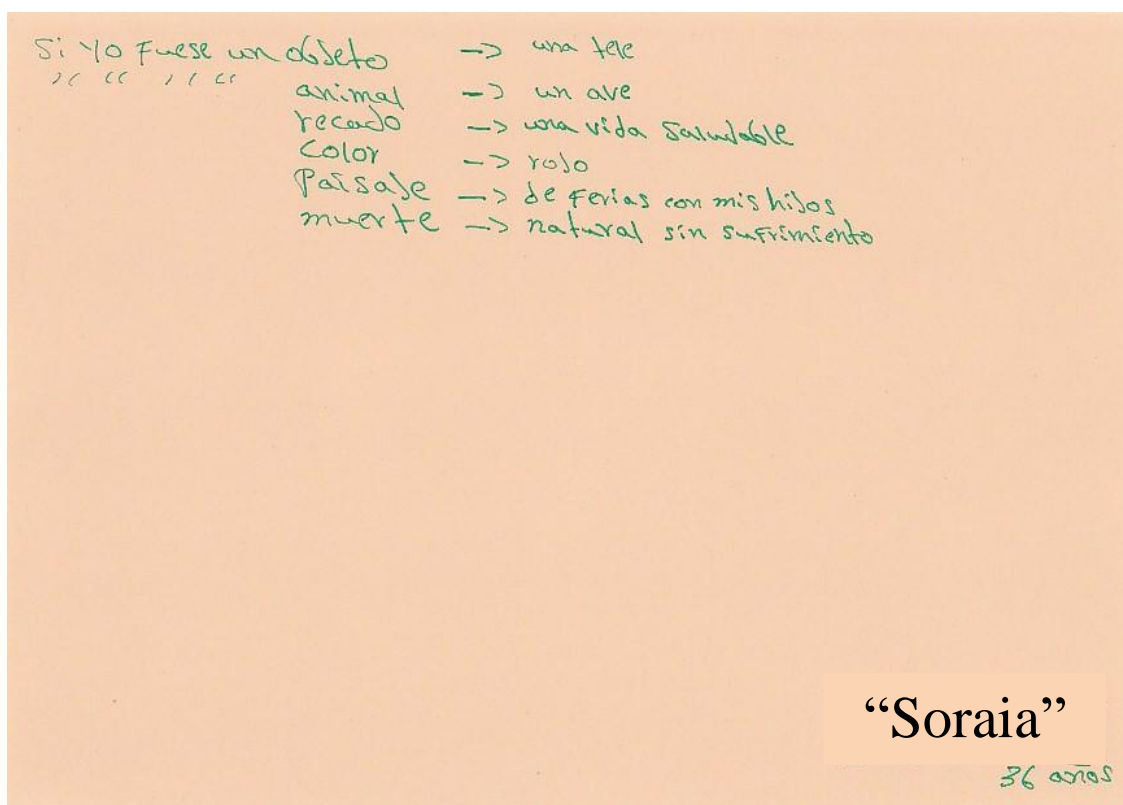
- Anexo I – jogo “Se eu fosse...”
- Anexo II – dois poemas escritos pela “Catarina”.
- Anexo III – texto / reflexão sobre as sessões da “Madalena”.
- Anexo IV – material para o exercício de movimento e improvisação.
- Anexo V – exercício de movimento e improvisação: desenho das oito posições.
- Anexo VI – texto / reflexão sobre as sessões da “Duscha”, “Renata”, “Tatiana”, “Lara” e “Jayma”.

Anexo I – jogo “Se eu fosse...”





“Paula”



“Soraia”

36 años

SE EU FOSSE uma OBJECTO - Peluche  
 // // // UMA COR - Branco  
 // // // UM animal - BOBÓLETS  
 // // // Um Recado <sup>de</sup> felicidades  
 // // // uma Paisagem - Futura  
 // // // a morte - aos 90 ANOS

“Gisela”

34 ANOS

se eu fosse um objecto... seria uma caneta de cor  
 se eu fosse uma cor... ~~(cor)~~ seria verde (desenho)  
 se eu fosse animal... seria golfinho  
 se eu fosse recado... seria um bloco  
 se eu fosse paisagem... seria (colares)  
 se eu fosse a morte... seria (remada ~~de~~ deitada ao lado)

“Renata”

SE EU FOSSE...

Uma cadeira... Objecto

Verde... cor

Abelha... Animal

Dava a liberdade e paz ao Mundo... Recado

Mar calmo com o Pó do Sal uma paisagem

150 anos com um erro forte até

“Madalena”

UMA CAMA objecto

AZUL cor

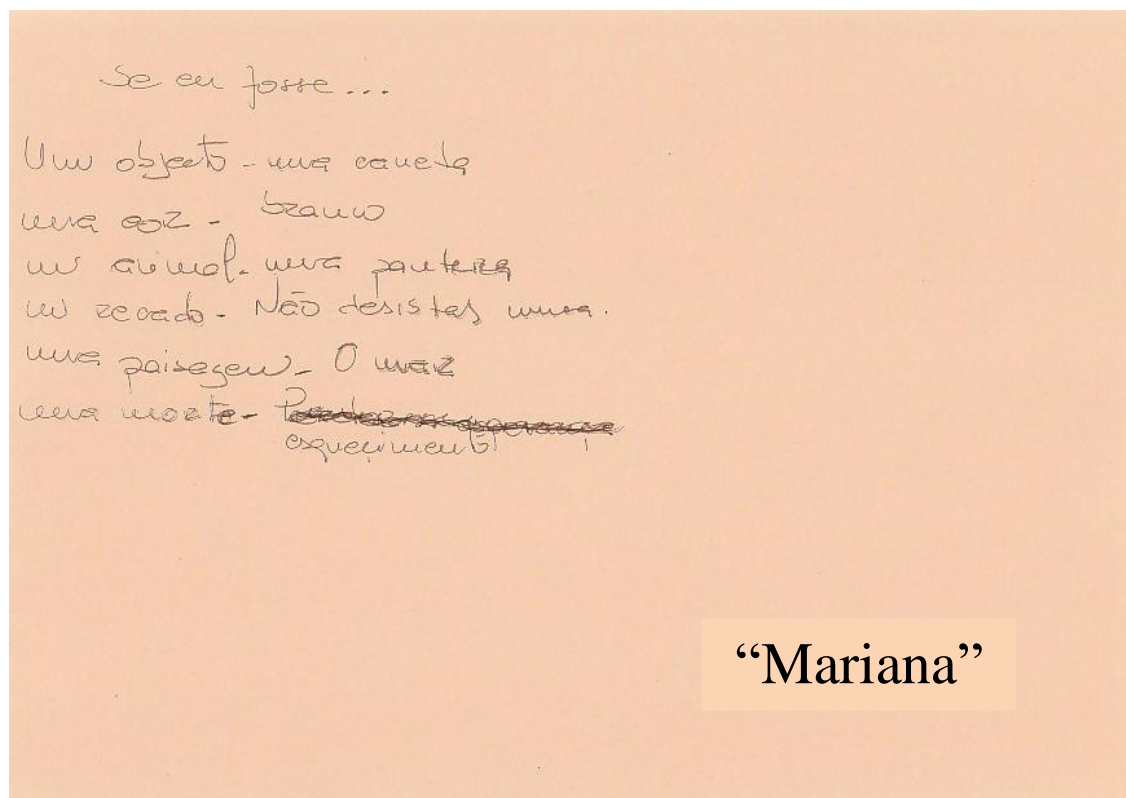
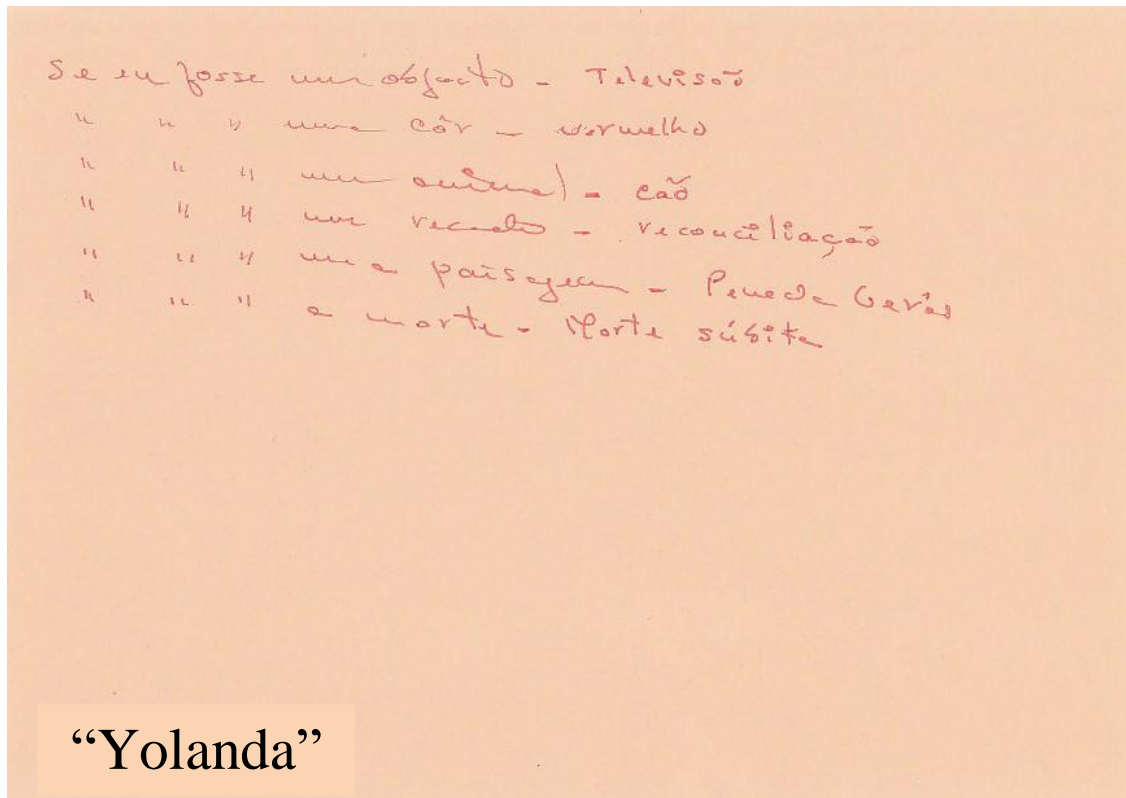
PASSARINHO ANIMAL

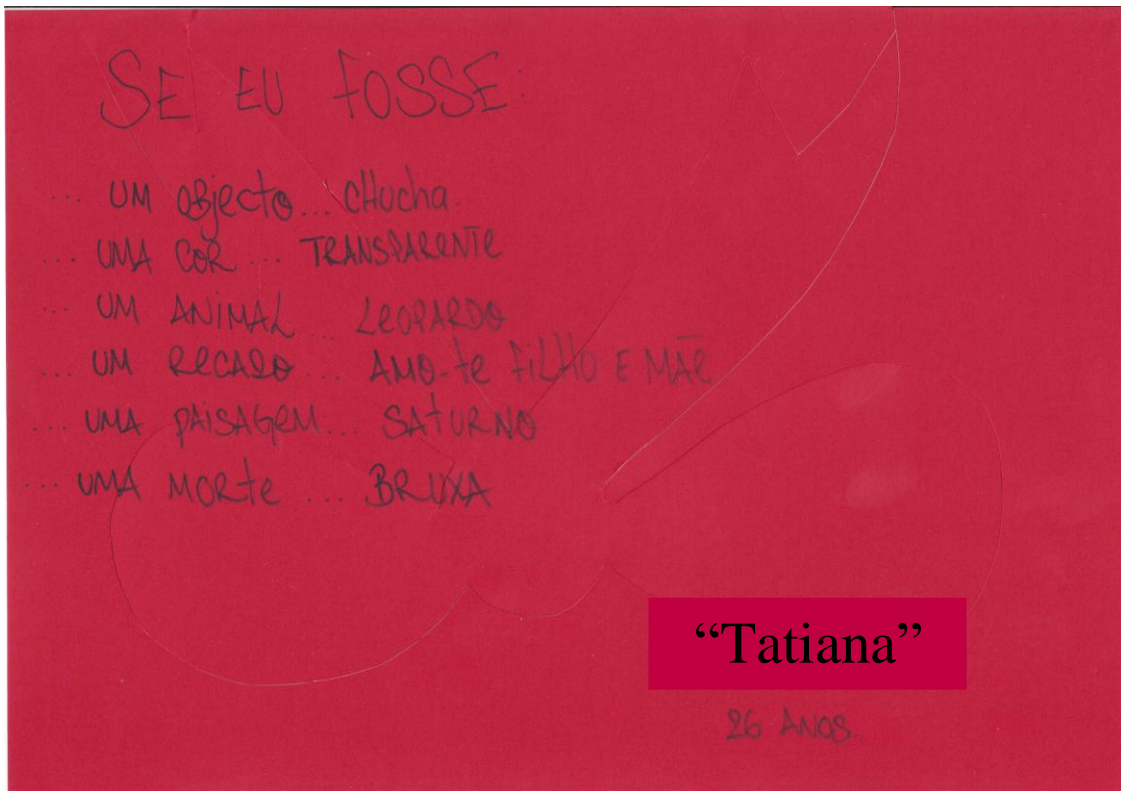
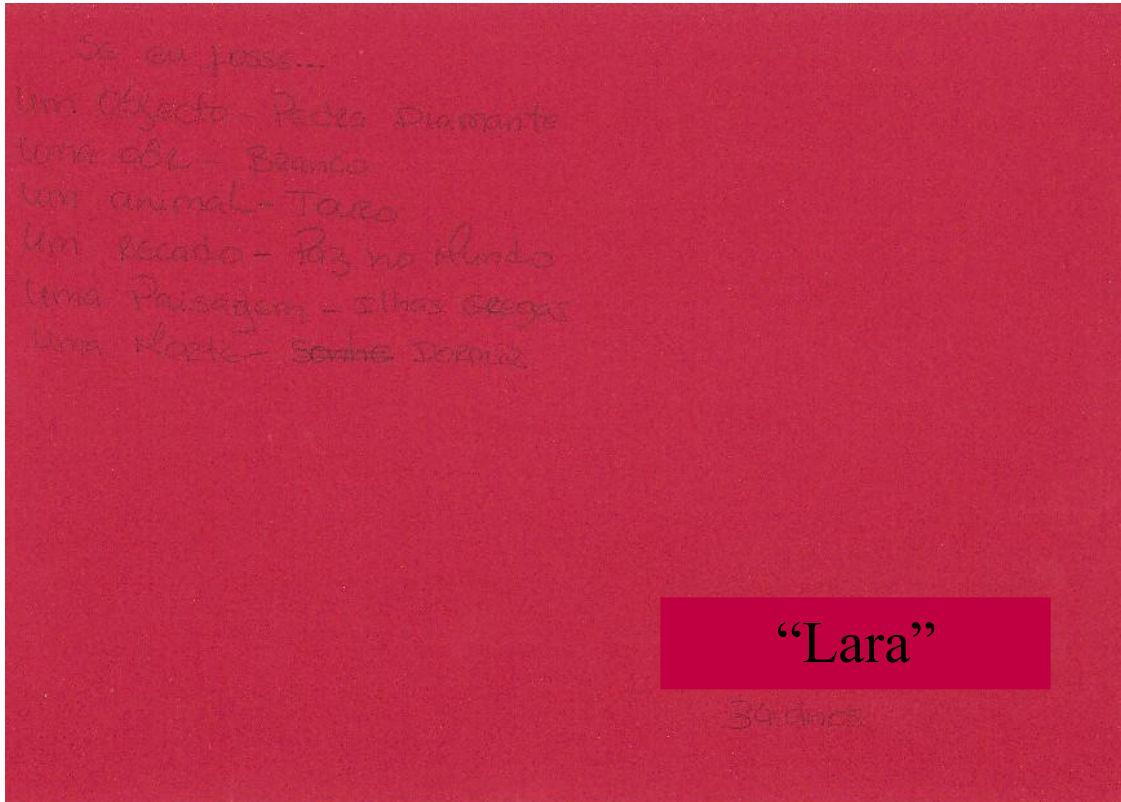
CAMPO PAISAGEM

FUGIA MORTE

DAVA A PAZ AO MUNDO = RECALDO

“Fabiana”





Se eu fosse um ....

Um objecto .... ~~Macio~~ Macio

Uma cor .... Suave

Um Animal .... Um pássaro

Um recado .... Bom

Uma paisagem... Linda

Uma morte .... Tranquila

“Nadine”

Se eu fosse ...

um objecto ... Boneca de loiça

uma cor ... Verde

um animal ... Golfinho

um recado ... Sacos de entrega aos desfavorecidos

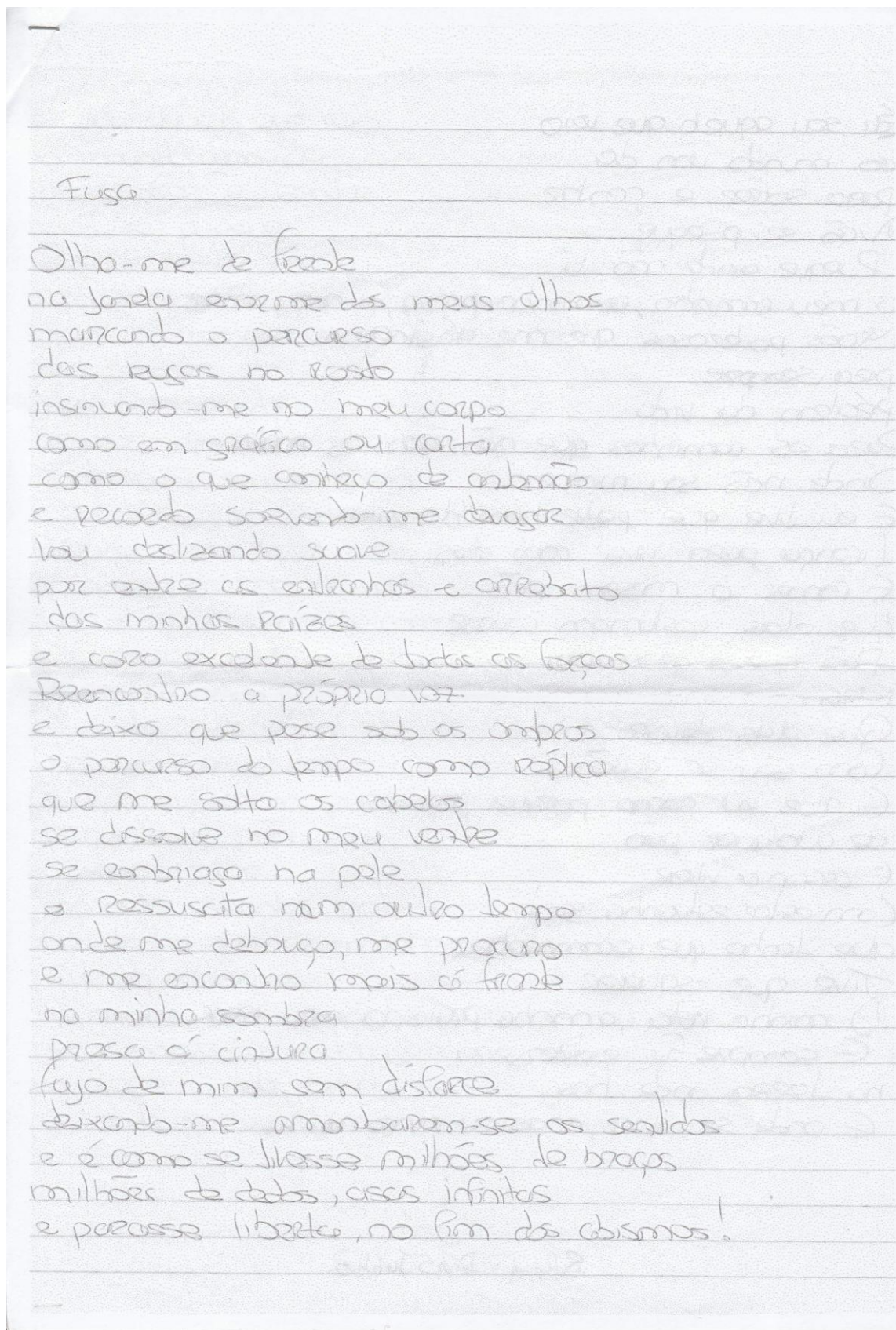
uma paisagem ... Campo

uma morte ... Santa

“Raquel”

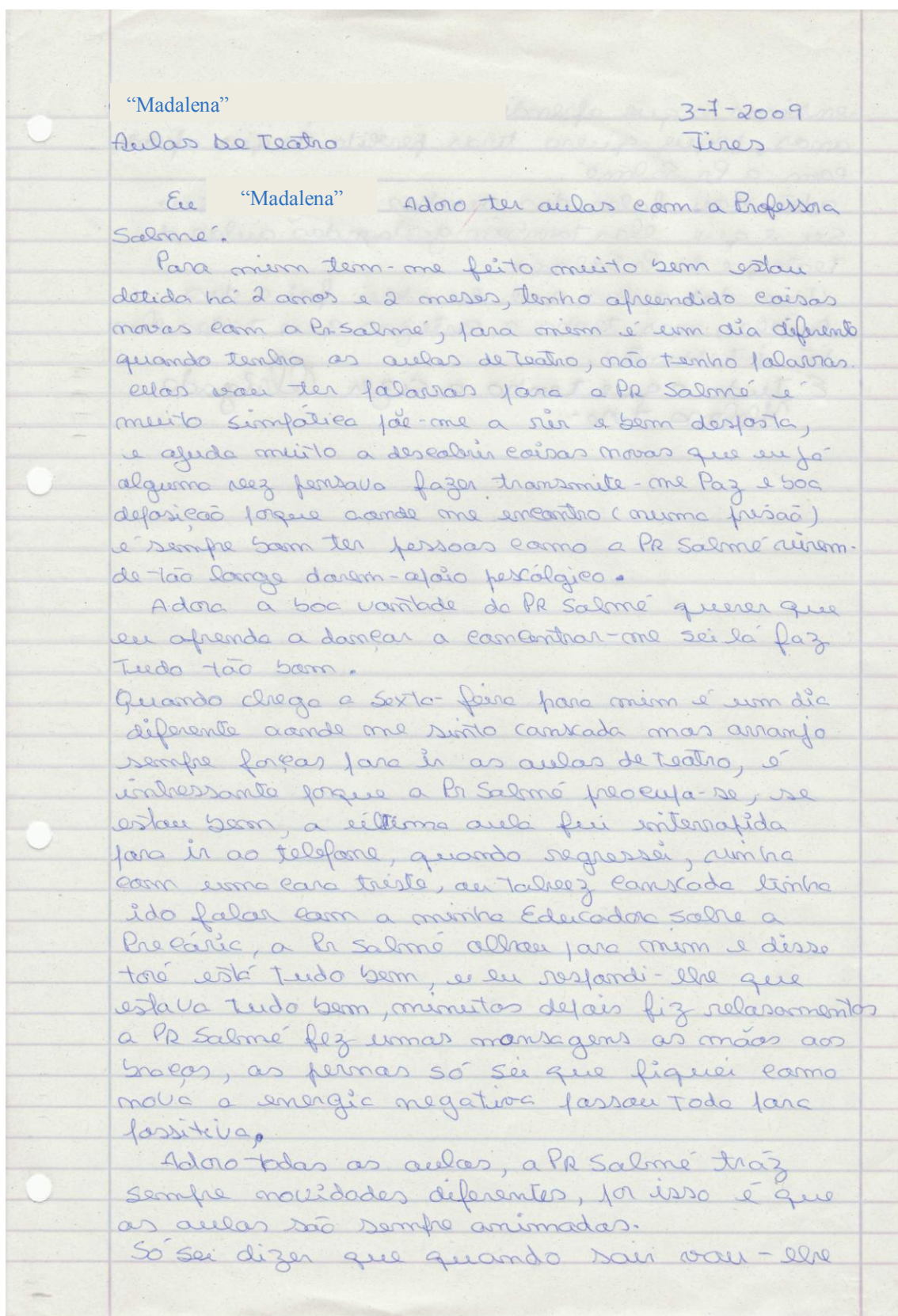
33 anos

## Anexo II – dois poemas escritos pela “Renata”.



É eu sou aquele que veio  
do mundo um dia  
para sofrer e combater  
Não sei porque  
Porque ainda não vi  
o meu caminho, o minha praia, o meu mar  
Vãos parabensas que me afastaram  
para sempre  
falam da vida  
para os caminhos que não eram os meus  
Onde não sou ninguém  
É eu ligo que peço humildemente  
Licença para viver com elas  
É comer o mesmo pão  
que elas costumam comer  
Pão que é grosso e  
mesmo quando é magro  
que elas deixam  
Com seu az doce  
É que eu como porque preciso  
de qualquer pão  
É assim a viver  
Com este estorço sente  
que tenho que acompanhar  
Tive que esquecer  
O minha praia, o minha praia, o meu mar  
É sempre fui estrangeiro  
na terra onde nasci  
É onde se vive, mas eu nunca vivi

## Anexo III – texto / reflexão sobre as sessões da “Madalena”.



então, o que aprendi a minha filha de 8  
anos, porque quero tirar proveito do que aprendi  
com a Pr. Salomé

Ajá vou falar das minhas colegas o que  
sei e que elas também gostam das aulas de  
Teatro, e da Pr. Salomé.

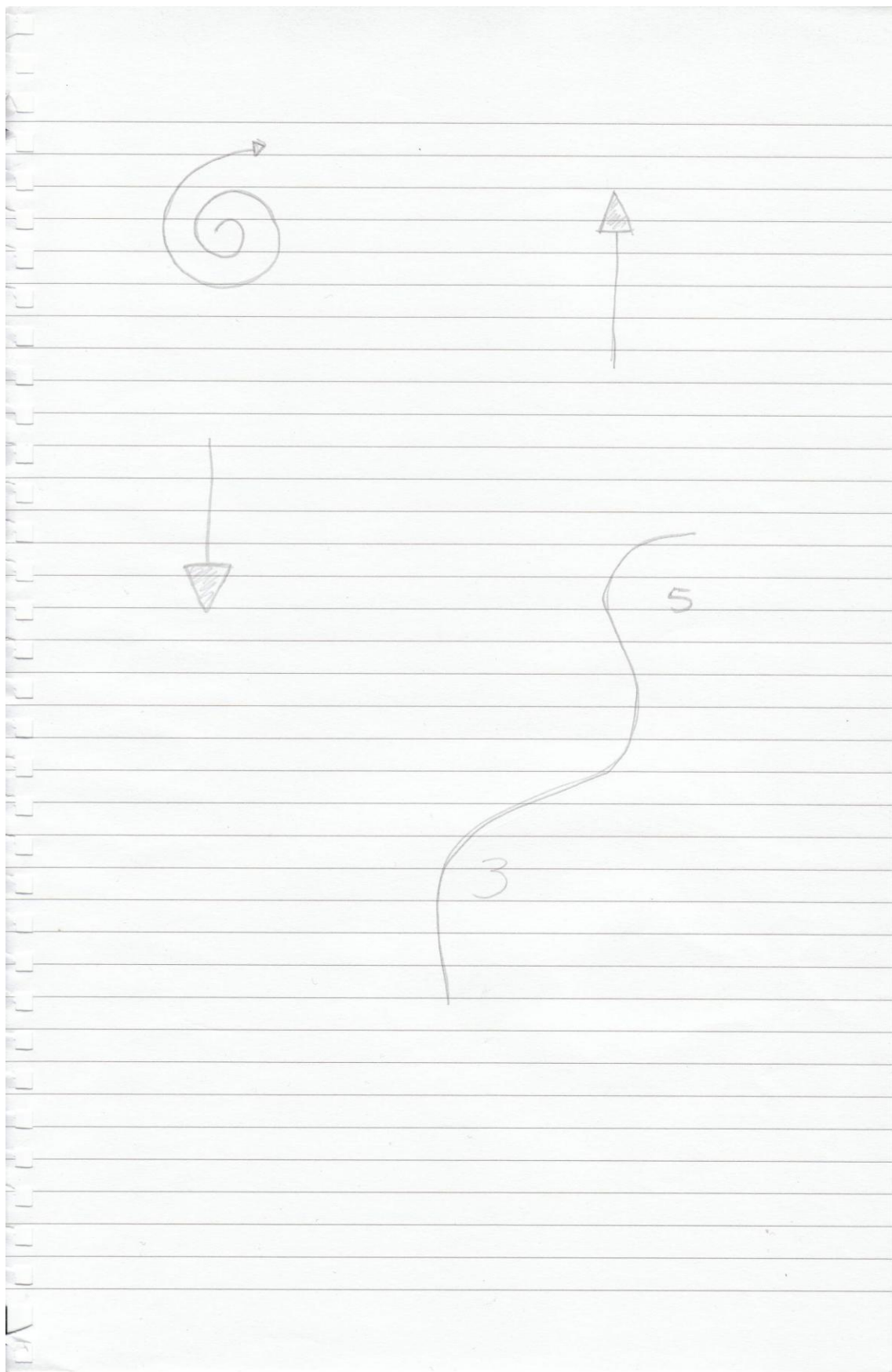
Uma das aulas que eu adoro é a das  
Salões, mas tenho a certeza que todas elas  
são interessantes.

É Tudo o que tenho a dizer Obrigada

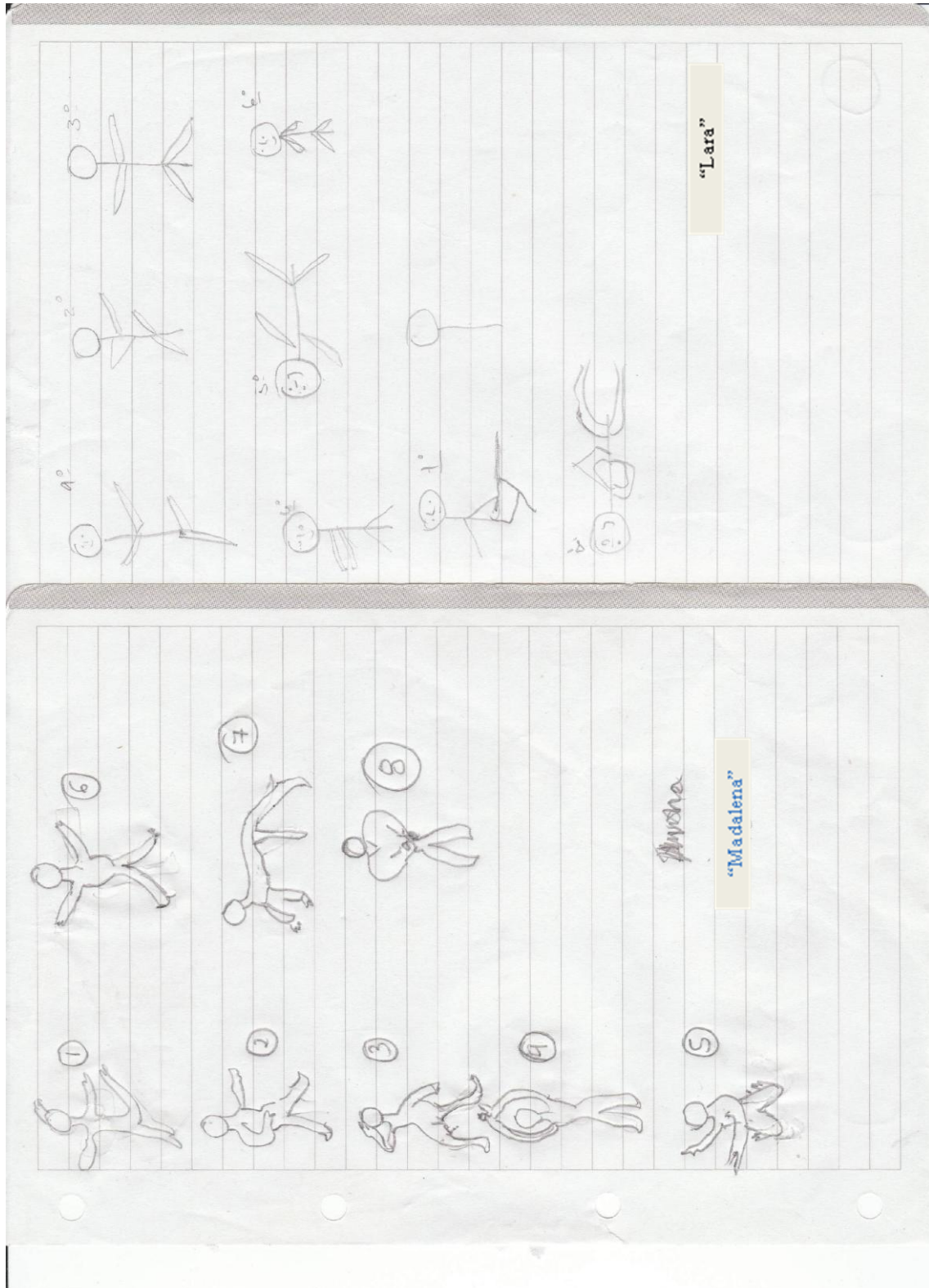
"Madalena"

**Anexo IV** – material para o exercício de movimento e improvisação.





**Anexo V** – exercício de movimento e improvisação: desenho das oito posições.



**Anexo VI** – texto / reflexão sobre as sessões da “Duscha”, “Renata”, “Tatiana”, “Lara” e “Jayma”.

### “Duscha”

Ultima sesión, yo gustando jogos de posiciones para dançar y tambien massage. Yo pienso que el este tiempo, püedemos relajai bien y esceser para poco tiempo donde estamos.

Yo pienso que precisamos hacer mas cosas que nos relaje un codo. y mas cosas de danza.

Yo no gusto repetir cosas, que ya fazemos!

Después de aula, me siento mas tranquilla. y relaxado.

## Terapia do teatro

Gostei de algumas sessões, como por exemplo: Pega, dança, jogos de confiança, Relaxamento, o jogo dos balões, os reflexos e o espelho.

O que não gostei foi o jogo de posições para dança, pois é complicado desenhar as posições e pô-las em prática. Acho que a pessoa que propôs esta actividade deveria de a organizar da melhor maneira com as colegas e só depois falar com a SALOMÉ. Só assim, na minha opinião conseguia organizar ~~o~~ o grupo.

Acho que a SALOMÉ deveria de inventar coisas novas ou nos trazer ~~para~~ porque as nossas ideias são ~~muitas~~ muitas e nunca tivemos nada a ver com teatro.

Neste momento como o ambiente está pesado cá dentro, ~~acho~~ acho que nós acabamos por perder a motivação e não temos nem cabeça nem paciência para as terapias.

Se calhar o problema também é meu ~~pois~~ pois ando cansada da cadeira, mas prometo tentar acabar esta terapia.

“Renata”

U.E.T E.P. Torres



A hand-drawn illustration of a young girl with curly hair, wearing a dress with a heart on the chest. She is surrounded by musical notes, flowers, a lollipop, and a basket of fruit. The drawing is done in a simple, sketchy style with small stars and dots scattered around.

a) Falta de atençãõs (concentraçãõs) VOY  
b) si entusiasmo  
c) ãõ sei lidar comigo prõspeira  
d) Agressividade interior  
e) sofro por antecipaçãõs.

"Tatiana"  
01.04.1983

Desde a 1ª sessão das aulas de teatro, sempre senti motivação, prazer e muito gosto, porque era algo novo que iria aprender e ajudar a passar o tempo em que estou enclausurada.

Aprendi a equilibrar o meu corpo, a escutar minha mente e despertar sensações que tinha dentro de mim das quais eu desconhecava. Fiz coisas imagináveis que se tivesse em liberdade, não teria tempo nem paciência, iria fazer.

A Salomé é uma professora fantástica que tenta nos dar ânimo e entusiasmo no mesmo percebendo que não tinha vontade de estar na aula.

Tive aulas em que chorei de emoção, ri de alegria, senti saudades das coisas que me fazem falta aqui dentro.

Mas ultimamente, tenho passado por coisas aqui dentro na Cadeia, que psicologicamente não estou bem.

Além do que, tanto as colegas como certas guardas e subchefe fazem com que o local esteja pesado, porque as pessoas já não falam, só sabem gritar.

Sou uma pessoa muito reservada, adoro ler

fazer crochê e ponto cruz, mas a minha vontade acabou.

Nas aulas adoraia dançar e as massagens. Tenho pena que isso tudo acabe, mas espero que a Salomé me compreenda, além de tudo estou sob uma grande pressão, porque estou à espera da minha pulseira eletrônica, e não consigo ver os meus filhos o que dá cabo da minha cabeça.

Desculpe o desabato e a falta de vontade, mas a minha mente quer e o meu corpo resiste.

Disto tudo dá-me raiva porque a palavra "Desistir" não faz parte do meu vocabulário. Prometo empenhar-me mais nas próximas aulas.

Adorei todas as aulas.

Espero que não se sinta desiludida comigo. Um beijo grande

“Lara”

### "Jayma"

Desde quando comencei, gostei disso Pelos seguintes motivações

- O relaxamento
- a oportunidade de nos ~~expressar~~ expressar, escolher uma "metá
- a maneira da Professora!

Tu, sendo uma fanática pela ~~da~~ música, <sup>gostei disso logo!</sup> isto ajudou-me (às 3 vezes) a descarregar o stress... mas só pouco! pouco porque... é difícil ficar "positiva" sendo circundada de negatividade.

Acho que se não for esse facto que vou de liberdade... ~~me~~ esforcei-me para conseguir um trabalho BEM feito. Porque acho que esta terapia além de tentar ~~ajudar~~ distrair-nos é também uma ocasião/opportunidade para mostrar que somos capazes de ser RESPONSÁVEIS e CREATIVAS... e/pode ser muito divertido mas as vezes quase sempre, as colegas não sabem "SEPARAR", mesmo que seja só para uma sessão, a "vida da reclusa" da terapia (teatro)... BOM! Acho que chega assim!

O que alterava disso?... o "desistir" das colegas... a timidez também

No caso acontece um milagre e as colegas fazem o espectáculo... aqui estão os meus emails:

E para ouvir a minha música: